



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS - DCET
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

VIVIANE CHAGAS SANTOS

VOZES DE EDUCADORES MATEMÁTICOS DA EPJAI DE ESCOLAS
DO CAMPO: UM OLHAR PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2023

VIVIANE CHAGAS SANTOS

**VOZES DE EDUCADORES MATEMÁTICOS DA EPJAI DE ESCOLAS
DO CAMPO: UM OLHAR PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Colegiado do Curso de Matemática (CCMAT) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Licenciada em Matemática no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Orientador: Prof. Dr. Jonson Ney Dias da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2023

VOZES DE EDUCADORES MATEMÁTICOS DA EPJAI DE ESCOLAS DO CAMPO: UM OLHAR PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Matemática. Aprovada em: 15 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



JONSON NEY DIAS DA SILVA

Data: 17/02/2024 13:35:50-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Jonson Ney Dias da Silva (UESB - DCET)
Orientador

Documento assinado digitalmente



GERSON DOS SANTOS FARIAS

Data: 08/02/2024 15:01:09-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Me. Gerson dos Santos Farias (UESB - DCET/UFMS)

Documento assinado digitalmente



MATHEUS DA SILVA MORAES

Data: 08/02/2024 12:45:58-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Matheus da Silva Moraes (SEC/BA)

Vitória da Conquista, 15 de dezembro de 2023.

*Dedico este trabalho ao meu esposo, Rogério,
pelo apoio incondicional oferecido em todos
os aspectos. Aos meus pais, José e Nilza e a minha
irmã Rita que foram meus grandes incentivadores. Ao meu
avô, Enesio (in memoriam), que enquanto vida me deu total apoio.
Todos vocês são a minha fortaleza, onde encontro forças
todos os dias para continuar. Eu amo vocês infinitamente.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um momento de lembrar daqueles que foram importantes e que deixaram marcas em alguma etapa da nossa vida. É uma forma de retribuir e reconhecer o quanto aquele gesto foi marcante e necessário naquele período, seja este de felicidade ou tristeza, mas que teve apoio e presença. Durante a graduação, fase importante do meu percurso formativo e da minha vida, pude contar com a ajuda de muitas pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para a finalização do curso. Dentre essas, agradeço:

Primeiramente ao meu bom Deus, que em meio ao desânimo, aos dias corridos, cansativos, com amedrontamentos e em algumas fases que pensei em desistir, Ele me concedeu saúde, força, sabedoria, proteção e discernimento, permitindo concluir o curso em conformidade com o que é exigido. Obrigada por me ajudar a vencer todas as barreiras e dificuldades que tiveram ao longo dessa trajetória, senti a Sua presença ao meu lado em todos os momentos.

Ao meu esposo, meu grande amor e melhor amigo, Rogério, que desde o início esteve comigo todos os dias, ajudando-me sempre no que estava ao seu alcance. Lembro dos dias, que mesmo cansado de uma noite de trabalho, acordava cedo, me levava e buscava da faculdade, entre outros apoios incondicionais que tinha comigo em todos os aspectos. Foram dias, noites e muitas vezes madrugadas que tive a sua ajuda. Obrigada por nunca medir esforços, por secar as minhas lágrimas, por escutar os meus desabafos, aconselhar-me, encorajar e incentivar-me a continuar na busca dos meus sonhos e objetivos, que são nossos.

Aos meus pais, José e Nilza, que mesmo sem entender o que estava acontecendo e a importância de tudo isso, sempre estiveram presentes, encorajando, sendo suportes, dando apoio e proteção, sem vocês nada disso seria possível. Obrigada por se colocarem de joelhos, sempre orarem por mim, e mais ainda, obrigada por compreenderem a minha ausência.

A minha irmã, Rita, que sempre esteve presente exalando amor e cuidado, obrigada por nunca deixar-me desistir e me mostrar o quanto sou forte. Desculpa por muitas vezes ser chata com você, foi um período em que meu humor todo dia se diferenciava, mas obrigada por mesmo assim estar presente e fazer meus dias serem mais felizes.

As minhas amigas, Jade e Taíde, pela amizade, companheirismo e apoio em todos os momentos, em que juntas compartilhamos dessa experiência que foi única, uma sempre incentivando a outra a continuar. Sempre lembrarei com carinho tudo que trilhamos juntas. A todos os meus amigos da faculdades, particularmente, Tiago e Guilherme, com quem pude compartilhar os meus dias.

Ao meu amigo, Gerson, por sempre me ouvir, levantar o meu alto astral, me mostrar o quanto eu era capaz e forte, obrigada por segurar as minhas mãos e não deixar-me fraquejar nessa caminhada.

A minha educadora, Marlizia, que sempre acreditou no meu potencial, obrigada por me ajudar a ingressar na faculdade, sem você hoje eu não estaria aqui. A minha amiga, Camila, pela compreensão que teve comigo durante essa caminhada, apesar do distanciamento sempre pensei com carinho no que juntas trilhamos e conquistamos ao longo desses anos.

Aos meus tios, Manoel e Jaimilton, e a minha tia Andreia, que abriram as portas de suas casas durante o período em que mais precisei para o desenvolvimento do curso, obrigada pelo apoio e por tudo que fizeram por mim.

Ao Grupo de Articulação, Investigação e Pesquisa em Educação Matemática (GAIPEM) pelas importantes discussões que ao longo dos encontros tivemos, tenho certeza de que essa troca contribuiu, significativamente, na minha formação.

Ao meu orientador, Jonson, que me acompanhou durante esse período, auxiliando e colaborando para com as discussões, escrita de trabalhos, participação em eventos e finalização da pesquisa, obrigada pelas importantes contribuições que fez ao longo de todo esse processo.

Aos educadores que aceitaram participar da pesquisa, obrigada pela disponibilidade e por não medirem esforços para contribuir com a produção dos dados. Sem vocês não teríamos resultados. Também, as unidades escolares que durante as visitas se mostraram receptivas e acolhedoras. Obrigada pelo carinho, auxílio, por me ouvirem e fazerem o possível para o sucesso da pesquisa.

Aos educadores membros da banca examinadora, Matheus da Silva Moraes e Gerson dos Santos Farias, que aceitaram o convite de colaborar com a pesquisa nessa reta final. Gratidão pelas importantes contribuições e pelo subsídio para com o meu desenvolvimento profissional enquanto educadora em formação.

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), seus setores administrativos, corpo docente que juntos proporcionaram um ambiente agradável, agradeço pela oportunidade de me tornar educadora nesse espaço acolhedor, bem como, pelas oportunidades de crescimento profissional e intelectual.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para com a finalização de mais uma etapa da minha vida. Meus mais sinceros agradecimentos por todo apoio, carinho e por se fazerem presentes.

*Não fui eu que ordenei a você?
Seja forte e corajoso!
Não se apavore nem desanime,
pois o Senhor, o seu Deus,
estará com você por onde você andar.
Josué 1:9*

RESUMO

A presente pesquisa, teve como objetivo, investigar como ocorrem as práticas pedagógicas dos educadores matemáticos na Educação do Campo (EC) do município de Vitória da Conquista - BA que possuem a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI). Como objetivos específicos, buscamos identificar como os educadores trabalham a temática de Grandezas e Medidas na sala de aula, compreender quais são os desafios e investigar como é desenvolvido o ensino e aprendizagem da matemática para esse público. O estudo buscou responder a seguinte questão norteadora de pesquisa: como os educadores trabalham os saberes de Grandezas e Medidas produzidas no campo pelos educandos da EPJAI que estão inseridos nesse ambiente? Sendo assim, como aportes teóricos norteadores, debruçamo-nos em estudos teóricos e documentos oficiais que contemplem a EC, a Educação Matemática e a Formação de Professores para atuação em escolas do campo, sendo esses os temas centrais da discussão. A metodologia adotada, foi a pesquisa qualitativa, subsidiada a partir da entrevista semiestruturada com vistas para o fenômeno abordado. Os dados foram produzidos com quatro educadores que lecionam a disciplina de matemática em turmas da EPJAI de três escolas do município de Vitória da Conquista, sendo uma municipal e dois colégios estaduais, e o diário de campo que foram analisados com base nas especificidades do objeto de pesquisa. Esses foram analisados mediante a transcrição das falas dos participantes, sendo estas agrupadas em tópicos similares e classificadas como principais, esses foram organizados em quatro categorias de tal modo a identificar as inter-relações existentes e o que se distanciam nos dados obtidos quanto a descrição dos cenários, das pessoas, dos fatos, das práticas pedagógicas dos educadores e dos temas para análise. Os resultados demonstraram que apesar dos educadores não terem uma formação, seja essa inicial ou continuada, direcionada para desenvolverem suas práticas em turmas da EPJAI de escolas do campo, esses buscam a partir de suas vivências e experiências, um ensino de tal forma que atenda as demandas e os anseios de seus educandos. Ademais, retratando a unidade temática de Grandezas e Medidas, os dados apontaram que é possível articular tais conhecimentos científicos com os empíricos socialmente produzidos. Essas relações são evidenciadas pelos educadores a partir das atividades rurais desenvolvidas pelos educandos, bem como, por intermédio de seus saberes produzidos culturalmente. Frente a isso, o estudo nos encaminha para um aprofundamento de reflexões que possibilitem um olhar para a formação inicial e continuada de educadores que lecionam nas modalidades da Educação do Campo e da Educação de Pessoas, Jovens, Adultas e Idosas, no intuito de capacitar esses profissionais, buscando contribuir com o processo de ensino e aprendizagem do educandos que frequentam tais modalidades, bem como, contemplem as questões sociais, culturais, territoriais e políticas.

Palavras chaves: Educação do Campo. Grandezas e Medidas. Formação de Professores. Práticas Sociais.

ABSTRACT

The aim of this research was to investigate how math educators work in rural education (CE) in the municipality of Vitória da Conquista, Bahia, which provides education for young people, adults and the elderly (EPJAI). As specific objectives, we sought to understand how educators work with the theme of Quantities and Measures in the classroom, what the challenges are and how the teaching and learning of mathematics is developed for this audience. The study sought to answer the following guiding research question: how do educators work with the knowledge of Quantities and Measures produced in the countryside by EPJAI students who are inserted in this environment? Thus, as guiding theoretical contributions, we looked at theoretical studies and official documents that address CE, Mathematics Education and Teacher Training for rural schools, these being the central themes of the discussion. The methodology adopted was qualitative research, based on semi-structured interviews with a view to the phenomenon addressed. The data was produced with four educators who teach mathematics in EPJAI classes in three schools in the municipality of Vitória da Conquista, one municipal and two state schools, and the field diary was analyzed based on the specificities of the research object. These were analyzed by transcribing the participants' speeches, which were grouped into similar topics and classified as the main ones. These were organized into four categories in order to identify the existing interrelationships and what is different in the data obtained in terms of describing the scenarios, the people, the facts, the educators' pedagogical practices and the themes for analysis. The results showed that although the educators do not have any training, either initial or ongoing, to develop their practices in EPJAI classes in rural schools, they do seek, based on their experiences, to teach in a way that meets the demands and aspirations of their students. In addition, the data showed that it is possible to articulate scientific knowledge with socially produced empirical knowledge. These relationships are evidenced by the educators based on the rural activities developed by the students, as well as through their culturally produced knowledge. In view of this, the study leads us to deepen our reflections on the initial and continuing training of educators who teach in the modalities of Rural Education and the Education of People, Young People, Adults and the Elderly, in order to train these professionals, seeking to contribute to the teaching and learning process of the students who attend these modalities, as well as taking into account social, cultural, territorial and political issues.

Keywords: Rural Education. Quantities and Measures. Teacher training. Social Practices.

SUMÁRIO

UM OLHAR PARA A CAMINHADA	11
1 CONVERSANDO COM A EDUCAÇÃO DO CAMPO, O ENSINO DE MATEMÁTICA, A EPJAI E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES	16
1.1 Educação do Campo, Ensino de Matemática e EPJAI	16
1.2 Formação Docente para o Campo e a EPJAI	21
2 (DES)CAMINHOS DO PROCESSO INVESTIGATIVO	26
2.1 Abordagem Metodológica	26
2.2 Contexto da pesquisa	27
2.3 Instrumentos, organização e processo de análise dos dados	30
2.4 Perfil dos Educadores	34
3 VOZES DOS EDUCADORES MATEMÁTICOS DA EC E DA EPJAI	37
3.1 Formação: EC e EPJAI versus Teoria e Prática	38
3.2 Educação do Campo e EPJAI: percepções, contextos e relações	40
3.3 A Matemática Presente no Campo: um olhar com as Grandezas e Medidas	47
3.4 (Des)Caminhos: EC e EPJAI	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE I – Convite aos educadores que lecionam matemática em turmas da EPJAI de escolas do campo para participarem da pesquisa	66
APÊNDICE II – Roteiro da entrevista semiestruturada com os educadores que lecionam matemática em turmas da EPJAI de escolas do campo	67
APÊNDICE III – Termo de consentimento livre e esclarecido	70
APÊNDICE IV – Termo de autorização para uso de imagens e depoimentos	72

UM OLHAR PARA A CAMINHADA

Durante o meu¹ período escolar colegial nas instituições de Ensino Básico, tinha uma vontade enorme de frequentar a escola todos os dias e este desejo se iniciou desde a infância. Quando via meus primos saírem de casa para participarem das aulas, eu ficava triste por não poder acompanhá-los, já que ainda não possuía a idade ideal para ser matriculada. Assim que a educadora ficou sabendo, pediu que a minha mãe deixasse eu ir também, para que eu pudesse começar a me integrar e adaptar ao ambiente escolar, criando vínculos de amizade e proximidade com os conteúdos educativos.

A partir disso, sempre fui uma estudante exemplar até o final da minha escolarização, fazia todas as atividades solicitadas pelos educadores, estudava para as avaliações e tinha um bom desempenho. Das disciplinas presentes na matriz escolar, a matemática era a que eu mais me destacava e tinha interesse em aprender, gostava de fazer os cálculos, encontrar a solução de um problema e ajudar os meus colegas com a aprendizagem do conteúdo, já que muitos relatavam ter dificuldades em compreendê-los.

Nas minhas horas vagas, amava brincar de "escolinha" com a minha irmã e meus primos, e como não podia ser diferente, eu sempre fazia o papel de educadora. A intenção era fazer um elo entre todas as disciplinas da Educação Básica, no entanto, eu sempre focava na de matemática. Com base nisso, descobri que sentia muito amor por ensinar e mais ainda por essa área, tendo satisfação ao ver outras pessoas aprenderem, por meio da aprendizagem dos conhecimentos que eu tinha. Em consequência, escolhi fazer Licenciatura em Matemática para tornar o que antes era brincadeira em uma realidade futura.

Em casa, meu pai sempre me surpreendia com os saberes matemáticos que possuía, mesmo não concluindo ao menos o 5º ano do Ensino Fundamental I. Ele sabia fazer muitos cálculos mentais e às vezes desafiava-me com alguns, já que eu estava frequentando a escola todos os dias e para ele eu deveria saber. Também, trago como exemplo, em memória, o meu avô Enésio, que não possuía nenhum nível formal de escolaridade, mas aprendeu e desenvolveu por meio da sua vivência no campo, a matemática suficiente para aperfeiçoar as suas práticas no seu ambiente de trabalho autônomo em sua venda, na área rural e na feira livre. Recordo-me de quando eles plantavam alguns alimentos, como feijão, maxixe, milho, melancia, entre outros, era perceptível como sabiam quantos grãos colocar em cada cova, qual o melhor espaçamento para se utilizar, o tempo de plantio e colheita. Além disso,

¹ Nesta seção, será utilizado a primeira pessoa do singular, pois será apresentado a trajetória da autora/orientanda. Ressalta-se que ao longo da pesquisa, em outros momentos, será utilizado, também, a terceira pessoa do plural para se referir aos autores/orientanda/orientador.

quando comercializavam, sabiam o preço para atribuir em cada produto, de tal forma que, conseguiam tirar o valor dos gastos e a porcentagem de ganhos, bem como, mediam suas terras, calculava a quantidade de arame para cercá-las, entre outras coisas.

Por sempre morar no campo, percebi que não somente meu pai e meu avô, mas a maioria dos moradores utilizam propriedades relacionadas à matemática em atividades do dia a dia, como na construção de uma cerca, no plantio de alimentos e, até mesmo, na comercialização. Habitualmente, são conceitos matemáticos relacionados às unidades temáticas de Números e Grandezas e Medidas, de maneira informal, desconhecidos por muitos. No entanto, durante a minha escolarização básica, não recorro de já ter visto com frequência o desenvolvimento de atividades ou trabalhos contextualizados em sala de aula, com os saberes produzidos no ambiente em que a população do campo está inserida, mesmo quando estudei em uma escola inserida nesse ambiente.

Quando ingressei no curso de Licenciatura em Matemática, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), percebi as vastas possibilidades que o educador tem para desenvolver as suas aulas. Sendo possível utilizar as tendências e metodologias de ensino e aprendizagem da matemática para contextualizar e modelar conceitos da vivência e os saberes cotidianos que os educandos possuem. Dentre elas, pode-se destacar a Etnomatemática, que possibilita inverter o modelo de ensino comum, relacionando a prática diária dos educandos com a construção de conceitos matemáticos, mas que não é o foco deste trabalho.

Também, quando cursei o componente curricular de Teorias e Tendências para o Ensino de Matemática - DCET0094, realizei um trabalho em grupo que tinha como objetivo investigar a relação da matemática com as profissões em seu dia a dia, dando ênfase à produção rural. Por meio dele, pôde-se observar que os produtores utilizam em seu cotidiano saberes matemáticos que podem ser relacionados e contextualizados com a proposta curricular desta disciplina no contexto escolar. No entanto, apesar de haver o desenvolvimento desse trabalho, é importante ressaltar que na minha graduação, não houve uma formação específica no contexto da Educação do Campo, observando dessa forma a ausência de questões referentes a essa modalidade de ensino na formação inicial de futuros educadores.

Em específico, por meio da experiência na graduação com a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI)², foi notório que os educandos dessa modalidade, em sala de aula, interagem mais com a abordagem e o desenvolvimento de conteúdos que estejam contextualizados com o dia a dia. Visto que, por meio de tais temáticas, as reflexões e troca de experiências contribuem com a aprendizagem dos envolvidos. A EPJAI é uma modalidade da Educação Básica caracterizada por abranger um público diversificado, que se difere da escolarização dita regular. Pode-se pontuar a “[...] heterogeneidade de suas idades, a participação no mundo do trabalho, os tempos diversificados de interrupção ou iniciação tardia nos estudos, a baixa autoestima resultante de suas experiências anteriores com a escola e sua condição social” (Marquez; Godoy, 2020, p. 27). Estes são sujeitos que carregam consigo experiências e saberes próprios, construídos a partir de suas vivências, mediatizadas pela realidade própria de cada um.

Ainda, na disciplina Prática Como Componente Curricular IV - DCET0099³ da UESB, aprofundi os meus estudos na EPJAI, por meio de leituras, reflexões, com a construção de um currículo e atividades voltadas a cada unidade temática para o ensino de matemática, além da aplicação de oficinas em escolas da Educação Básica. Sendo possível perceber em cada momento, a importância de uma educação de qualidade, em que os educandos estejam inseridos de forma ativa na construção e desenvolvimento de seus conhecimentos. A partir disso, pude observar mais esse público, seus anseios, objetivos e dificuldades, bem como, as possibilidades de melhoria de aprendizagem e o desenvolvimento das aulas nessa modalidade.

A EPJAI pode ser ofertada no contexto da Educação do Campo, que também é uma modalidade educacional do país. Essa, tem o intuito de priorizar uma educação “[...] voltada à realidade dos sujeitos do campo e a formação de professores-educadores aptos para atuarem nessas escolas, além da formação docente, habilitar o docente a trabalhar os conteúdos e construir currículos que atendam às demandas pedagógicas” (Gaia; Pires, 2016, p. 131). Observa-se uma modalidade que precisa de aprofundamento teórico e prático para uma melhor compreensão da mesma, e essas são vivenciadas pelos educadores que lecionam no campo e, que experienciam diariamente, por meio de suas práticas pedagógicas.

² EPJAI se refere a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas. A palavra “pessoas” foi empregada no sentido de representar indivíduos de gênero distintos, bem como o uso dos termos “Jovens”, “Adultos” e “Idosas”, respeitando as faixas geracionais de acordo com a emenda constitucional 59/2009.

³ Essa tem como objetivo, conhecer, analisar e propor situações didático-pedagógicas contemplando os referenciais curriculares propostos nacionalmente para o ensino de matemática no contexto da Educação de Jovens e Adultos.

Buscando compreender o perfil dos sujeitos que lecionam no campo, sua identidade e como se dá o processo de ensino e aprendizagem de matemática nas escolas situadas nesse ambiente, busquei maneiras de fazer um estudo e elaborar uma pesquisa que exaltasse os saberes matemáticos do ambiente do campo em que fui criada e da aprendizagem dos jovens, adultos e idosos do município dessa localidade. Comecei então a indagar: *como os educadores trabalham os saberes de Grandezas e Medidas produzidas no campo pelos educandos da EPJAI que estão inseridos nesse ambiente?*

Buscando responder essa questão norteadora, apresento como objetivo geral da presente pesquisa, *investigar como ocorrem as práticas pedagógicas dos educadores matemáticos na Educação do Campo do município de Vitória da Conquista - BA que possuem a EPJAI*. Como objetivos específicos: identificar como os educadores trabalham a temática de Grandezas e Medidas na sala de aula, compreender quais são os desafios e investigar como é desenvolvido o ensino e aprendizagem da matemática para esse público.

Com base nessa premissa, acredito na importância e relevância dessa pesquisa para os educadores que ensinam matemática na modalidade do campo, visto que apresenta possibilidades de refletir e repensar as experiências e práticas dentro e fora das instituições de ensino, contribuindo com a formação de professores. O educador ao ler a minha pesquisa, poderá refletir sobre o seu trabalho com as temáticas de Grandezas e Medidas com um olhar mais amplo. Inserindo as práticas culturais e cotidianas que são próprias dos educandos e os saberes já existentes, levando o processo de ensino e aprendizagem a ter uma maior relevância para esses sujeitos. Também, este trabalho trará benefícios para a academia, pois possibilita ampliar as discussões sobre as temáticas trabalhadas, a fim de subsidiar e complementar novas pesquisas nessas áreas.

Do mesmo modo, será importante para as minhas vivências e experiências no contexto pessoal e profissional, uma vez que, este trabalho permite a aproximação da pesquisadora com o contexto em estudo e, isso, contribui para um ressignificar da minha prática como educadora. Além disso, poderá trazer reflexões e discussões no contexto de instituições de nível superior, sendo um subsídio para os profissionais da educação desenvolverem tais temáticas em suas formações iniciais e continuadas. Por fim, contribuirá, significativamente, na construção dos saberes de todos os envolvidos neste processo de ensino e aprendizagem.

Para essa pesquisa, organizamos o texto da seguinte forma, de tal modo a apresentarmos os resultados obtidos a partir dos objetivos propostos:

No capítulo I, debruçamo-nos nas concepções sobre Educação do Campo tematizando seu contexto histórico, bem como, o ensino de matemática com ênfase na unidade temática de Grandezas e Medidas e modalidade da EPJAI. Além disso, apresentamos uma discussão referente ao que rege a formação docente para o campo, sendo essas seções que fundamentam as discussões e análise dos dados produzidos, a partir dos teóricos referendados.

No capítulo II, apresentamos os procedimentos metodológicos, em que para a investigação, optamos pela pesquisa qualitativa, pois apresenta uma vasta possibilidade de estudar fenômenos relacionados às pessoas e suas relações sociais. Para a produção dos dados, utilizamos da entrevista semiestruturada e do diário de campo, e ainda neste capítulo, trouxemos o contexto em que a pesquisa está inserida e o perfil dos educadores participantes.

No capítulo III, apresentamos a análise e os resultados obtidos, em diálogo com as vozes dos educadores da área de matemática, que lecionam na EPJAI no contexto de escolas do campo do município de Vitória da Conquista. A partir dessas, reunimos significados quanto à formação, as percepções, o contexto dos educandos e as relações existentes entre EC, EPJAI e o ensino de matemática, bem como os caminhos e descaminhos de atuação dos educadores nestas modalidades. Com isso, abordamos as identidades, experiências educacionais, rotinas e práticas em sala de aula dos educadores participantes.

A partir das discussões, análise e resultados dos dados produzidos, apresentamos as considerações finais, com vista a retomada dos objetivos da pesquisa e em seguida, a apresentação dos principais resultados obtidos e reflexões das temáticas discutidas no presente estudo. Por fim, trouxemos possibilidades de futuras pesquisas, pois as discussões não se esgotam aqui, bem como, perspectivas para com a melhoria na formação de educadores para atuação no contexto do campo.

A seguir, apresentamos elementos que caracterizam a Educação do Campo, bem como discussões acerca do ensino de matemática e a EPJAI.

1 CONVERSANDO COM A EDUCAÇÃO DO CAMPO, O ENSINO DE MATEMÁTICA, A EPJAI E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Neste capítulo, apresentamos as principais temáticas que fundamentam a pesquisa. Inicialmente, o contexto e os possíveis entrelaçamentos entre a Educação do Campo, o Ensino de Matemática e a EPJAI, e em seguida, a Formação Docente para atuação no campo, compreendendo que essas contribuíram para investigarmos, como ocorrem as práticas pedagógicas dos educadores que lecionam a disciplina de matemática no contexto de escolas do campo. Para tanto, realizamos uma discussão a respeito das principais definições de nomenclaturas, que são importantes para subsidiar os movimentos de análises da problemática em questão.

1.1 Educação do Campo, Ensino de Matemática e EPJAI

A educação é de fundamental importância para a sociedade, visto que possibilita despertar o saber crítico humano, o desenvolvimento intelectual e o de valores éticos para exercer a cidadania. A Constituição Federal de 1988 em seu artigo 205, diz que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade” (Brasil, 1988, Art. 205). Em vista disso, o acesso à educação é um direito constitucionalmente previsto e primordial na vida de todos os seres humanos, não podendo ser negado a ninguém que esteja em território nacional, sejam para aqueles que residem em áreas urbanas ou rurais.

Neste viés, pontua-se a Educação do Campo (EC), que provém de lutas a partir de movimentos sociais, mediatizados pelos trabalhadores que estão inseridos no ambiente do campo, e tem como intuito subsidiar uma educação que contemple as demandas desses sujeitos. Essa reflete as necessidades de uma ação coletiva, entrelaçadas a questões relacionadas ao trabalho, cultura, conhecimentos, a própria realidade campesina, sociedade, as políticas públicas, educação e a formação humana (Caldart, 2012). Não obstante, essa, também, objetiva enriquecer a cultura local e seu lugar de origem, buscando a preservação das especificidades e dos direitos dos povos que estão inseridos nessa localidade.

Antes de apresentarmos aspectos de como iniciou-se às discussões voltadas a EC, faz-se necessário entendermos a diferenciação entre os termos *Educação Rural*, *Educação no Campo*, *Educação para o Campo* e EC. Essas nomenclaturas são de fundamental importância para a compreensão e contexto histórico da EC, uma vez, também, que não se tratam de sinônimos. Em consonância com isso, a *Educação Rural* é concedida aos sujeitos que residem, trabalham nas áreas rurais e frequentam a escola onde vivem, sendo oferecida uma

educação igualitária, ou seja, do mesmo modo como ocorre na área urbana, sem distinção do ambiente, sujeito, cultura e particularidade de cada um (Ribeiro, 2012).

A nomenclatura *Educação Rural* nega aos povos do campo o direito a suas identidades, bem como, a diversidade de pensamento e de ser quem são (Silvério; Isobe, 2020). Visto que essas escolas oferecem uma educação que não se relaciona com o que a população campestre desenvolve em suas práticas diárias e no seu trabalho com a terra, ou seja, não consideram os saberes dos sujeitos agricultores como válidos.

No contexto da *Educação no Campo*, a mesma

[...] expressa o vínculo com a localização do ensino no campo. Mas a educação oferecida contempla a metodologia urbana, amplia-se a dicotomia campo/cidade. O resultado é a repressão da identidade do aluno do campo, com desvalorização de sua cultura e a reafirmação do modelo capitalista de desenvolvimento, alimentando a migração campo-cidade (Silva, 2021, p. 47).

Essa se refere às práticas pedagógicas que ocorrem nas escolas inseridas no meio rural, buscando garantir que os sujeitos que residem nessa área, tenham acesso à educação. Contudo, o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido, é voltado para uma proposta urbanística e padronizada, sem considerar a identidade, contexto social e cultural dos educandos. Da mesma forma, a preposição *para* estabelece uma educação escolar que ignora a especificidade e particularidade de vida dos sujeitos do campo, visto que apresenta modelos, conteúdos e práticas pedagógicas de forma autoritária (Frigotto, 2010).

A partir de 1996, a EC passou a ser reconhecida. No entanto, essa, ainda era caracterizada como rural, em que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), preconiza no seu Art. 28 que,

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, Art. 28).

Com isso, iniciou-se discussões voltadas à EC, em que se pontuou a necessidade de uma formação específica para os povos que habitam nessas localidades. Já que o ensino e aprendizagem eram desenvolvidos a partir de uma proposta curricular totalmente urbana, desconsiderando a realidade, a cultura e os saberes destas pessoas.

Por meio de reivindicações de trabalhadores do campo, a partir de movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que reivindicavam, além da luta pelas terras e vida digna, o direito à educação. Foi por intermédio dele que, aconteceu em 1997, o I Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária

(ENERA), sendo esse o marco para o início de discussões voltadas para a EC. O ENERA em sua proposta objetivava uma política educacional em defesa da identidade cultural das unidades escolares inseridas no meio rural, por meio de um Projeto Político Pedagógico (PPP)⁴ que valorize as especificidades e particularidades dos camponeses, bem como, melhores condições dos profissionais do corpo docente que lecionam nesse ambiente, contrapondo a ideia da *Educação Rural*.

Nesse sentido, o ENERA buscava não apenas uma escola inserida no ambiente do campo, mas que estivesse relacionada com a realidade dos indivíduos desse lugar (Silva, 2021). O surgimento da nomenclatura Educação do Campo, foi datado a partir de discussões realizadas no Seminário Nacional realizado em Brasília, no ano de 2002, e firmado em 2004 na II Conferência Nacional. Ressalta-se, que antes, utilizava-se a expressão Educação Básica do Campo, aderida para a I Conferência Nacional por uma Educação do Campo. Dessa forma,

[...] contraponto à visão de camponês e de rural como sinônimo de arcaico e atrasado, a concepção de educação do campo valoriza os conhecimentos da prática social dos camponeses e enfatiza o campo como lugar de trabalho, moradia, lazer, sociabilidade, identidade, enfim, como lugar da construção de novas possibilidades de reprodução social e de desenvolvimento sustentável (Souza, 2008, p. 1).

Por conseguinte, a EC é caracterizada como uma educação que haja relação entre a escola e o local de inserção dos estudantes, buscando conectar suas identidades com a aprendizagem (Silva, 2019). Ainda, a autora concebe a ideia de EC como forma de pertencimento, uma vez que os sujeitos que habitam em suas comunidades, possuem suas especificidades, anseios e objetivos que são próprios da cultura. Este, ainda se relaciona com o ser coletivo, por meio de seus grupos sociais, que almejam sonhos semelhantes, bem como, a satisfação de continuar a viver e produzir seu próprio sustento com base em seu determinado lugar de origem.

Constituindo-se “[...] como luta social pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação (e não a qualquer educação) feita por eles mesmos e não apenas em seu nome. A Educação do Campo não é para nem apenas com, mas sim, dos camponeses” (Caldart, 2012, p. 263). Dessa forma, a mesma visa incidir o reconhecimento e a diversidade humana de seus sujeitos, entrelaçadas a questões referentes às formas de trabalho, cultura, lutas sociais, as maneiras de se organizarem, bem como, o modo de vida dos camponeses, suas particularidades e especificidades. Corroborando com esta ideia, Paula e Barbosa (2021, p. 6)

⁴ O PPP está relacionado com a “[...] organização da escola como um todo e como organização da sala de aula, incluindo sua relação com o contexto social imediato, procurando preservar a visão de totalidade. Nesta caminhada será importante ressaltar que o projeto político pedagógico busca a organização do trabalho pedagógico da escola em sua globalidade” (Veiga, 2013, p. 11).

nos dizem que a EC “[...] se constitui a partir de diversos acúmulos de conhecimentos em relação à educação junto aos trabalhadores e às trabalhadoras, neste caso específico aos povos do campo, das águas e das florestas”. Ou seja, diz respeito a reconhecer os saberes e os modos como esses sujeitos se organizam para viver em sociedade, e a partir disso, relacioná-los com o ensino dos conteúdos (Freire, 2021).

Neste contexto, o ensino e aprendizagem daqueles que residem no campo tem o intuito de, subsidiar “[...] a condição de pensar a partir do local em que se vive, buscar a partir dele – dos seus problemas, suas necessidades, da vida de fato – subsídios para que se desenvolva o processo educativo, caminha no sentido de dar significado, da postura crítica e da busca de autonomia” (Werlang; Pereira, 2021, p. 8). Trata-se de possibilitar que os indivíduos pensem e reflitam considerando o ambiente em que estão inseridos, não no sentido de fixá-los no campo, mas de possibilitar que esses façam escolhas sobre suas condições de sobrevivência e existência, permeadas na área urbana ou rural.

Em concordância com Freire (2021, p. 94), a educação “[...] não pode ser um depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo”. Para os povos do campo, é uma possibilidade de articular os conhecimentos científicos, que os educandos camponeses têm o direito garantido de acessar, com os adquiridos em suas realidades. Dessa forma, esta tem o potencial de contribuir com a “[...] construção da autonomia dos educandos, essas articulações propiciam a internalização da criticidade necessária à compreensão da inexistência da neutralidade científica, com a localização da historicidade dos diferentes contextos sócio-históricos nos quais foram produzidos” (Molina e Sá, 2012). Assim, há uma identidade construída nessas escolas do campo, que vão além do seu espaço geográfico, mas internacionalizada com os sujeitos que a compõem e o seu meio social, visto que a educação “[...] não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2021, p. 116).

No que diz respeito à matemática, nota-se a utilização dela em diversos momentos do dia a dia da vida dos sujeitos que vivem na localidade do campo. Como por exemplo, na medição de área, cálculo da porcentagem de ganhos ou perdas na comercialização autônoma, bem como, avaliação dos valores dos produtos para vendê-los, entre outros. No contexto da disciplina escolar, essa pode instruir e auxiliar os estudantes a utilizarem os conhecimentos obtidos para solucionar situações provindo de determinados problemas do cotidiano (Pontarolo, 2019). Para tanto, os PPPs das escolas do campo devem contemplar a diversidade referente aos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos, de geração e etnia (BRASIL,

2010), para que o ensino e aprendizagem estejam interligados com os sujeitos e a sua localidade.

Desse modo, os educadores podem em suas práticas pedagógicas utilizarem métodos que são para além dos conhecimentos matemáticos adquiridos em sua formação, em que esses são auxiliados pelas conjecturas da Educação Matemática. Destarte, a EC e a Educação Matemática se aproximam, pois em ambas é importante que os estudantes tenham acesso a um ensino que faça sentido para a sua vida cotidiana, no qual valorizem a realidade que estão inseridos, quanto às suas diferenças e particularidades.

Em específico, direcionando os olhares para a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI) como umas das modalidades presentes na EC, podemos observar, como fundamenta Fonseca (2012), que nela está compreendido o público de estudantes com escolarização básica incompleta, ou ainda, que nunca foi iniciada. Esses tiveram a interrupção ou o impedimento de sua trajetória escolar, muitas vezes, por questões de exclusão social e cultural, voltando para iniciar ou continuar os seus estudos na idade adulta ou na juventude.

Os estudantes da EPJAI ao retornarem ou iniciarem os seus estudos, buscam encontrar uma educação que contribua e faça sentido para a sua vida cotidiana, oportunizando integrar a sociedade e, muitas vezes, ao mundo do trabalho. Damasceno, Oliveira e Cardoso (2018) apontam alguns motivos que levam o retorno dessas pessoas à escola, sendo eles, a permanência ou a necessidade de encontrar um emprego e, com isso, a inserção no mundo do trabalho, bem como o convívio social.

Em específico, os jovens, adultos e idosos que residem no campo possuem necessidades escolares particulares. Assim, “[...] não significa, portanto, apenas atuar em um processo de apenas ler e escrever seu próprio nome. É oferecer-lhes uma escolarização ampla e com mais qualidade e na formação de seres autônomos e críticos socialmente” (Oliveira, 2018, p. 31). Logo, é importante que se desenvolva uma educação que tenha articulação entre a prática do ensino e a vida em sociedade, buscando levar em conta os anseios, identidade e princípios para emancipação de uma prática pedagógica que seja coerente com os interesses e necessidades destes público de educandos.

O trabalho com Grandezas e Medidas, por exemplo, apresenta uma

[...] forte relevância social devido a seu caráter prático e utilitário, e pela possibilidade de variadas conexões com outras áreas do conhecimento. Na vida em sociedade, as grandezas e as medidas estão presentes em quase todas as atividades realizadas. Desse modo, desempenham papel importante no currículo, pois mostram claramente ao aluno a utilidade do conhecimento matemático no cotidiano (BRASIL, 1998, p. 51-52).

A partir dessa unidade temática, o educando pode ser instigado a trabalhar com situações que envolvem capacidade, tempo, massa, temperatura, cálculo de áreas, perímetro, entre outros que estão relacionados, muitas vezes, com algumas práticas cotidianas advindas daqueles que residem no campo. Frequentemente, esses executam atividades, em seu dia a dia, que os levam a medir uma área, a quantidade de ração para alimentar seus animais, os cereais a serem comercializados na feira livre e os litros de água que irão utilizar durante o dia, que se mostram como possibilidades para serem discutidas no âmbito escolar.

A unidade temática de Grandezas e Medidas, também, apresenta viabilidades para uma “[...] melhor compreensão de fenômenos sociais e políticos, como movimentos migratórios, questões ambientais, distribuição de renda, políticas públicas de saúde e educação, consumo, orçamento, ou seja, questões relacionadas aos Temas Transversais” (Brasil, p. 128). Dessa forma, nota-se um cenário para os educadores relacionarem os saberes culturais com os matemáticos que estão propostos nos documentos oficiais, como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que apresentam considerações para o ensino das áreas de conhecimento. Ressalta-se que, no ano de 2021, o Ministério da Educação (MEC) instituiu Diretrizes Operacionais, por intermédio da Resolução nº 01/2021, para a EPJAI nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à BNCC. A partir disso, os educadores podem utilizá-los como referência para desenvolverem as suas práticas pedagógicas em turmas da referida modalidade.

Consoante a isso, e no âmbito das discussões até o momento apresentadas, surgem alguns questionamentos: como é a formação dos educadores que lecionam no campo? Para atuarem na modalidade da Educação do Campo, há uma preparação específica? O que as leis garantem?

A seguir, apresentamos as discussões sobre a formação de educadores para atuarem em escolas que estão inseridas no ambiente do campo.

1.2 Formação Docente para o campo e a EPJAI

A EC, o ensino de matemática e a EPJAI, caracterizam-se como vertentes que precisam de um certo aprofundamento, por conta de suas especificidades e complexidade, quanto aos conhecimentos teóricos e práticos, a formação de educadores, as políticas públicas, entre outros, para que o processo de ensino e aprendizagem se efetive de forma crítica e reflexiva. No que diz respeito aos educadores que lecionam na EC, estes são sujeitos

que possuem identidades que, foram e são construídas, a partir de suas trajetórias, sendo estas refletidas em suas práticas pedagógicas, por conta das experiências vivenciadas diariamente.

Nesse aspecto, os educadores estão sempre em processo de formação e em um contínuo aprendizado da docência, sejam esses adquiridos por intermédio de atividades da vida pessoal ou em suas práticas profissionais (Soares; Menezes, 2017). Para Freire (2021, p. 95-96) “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”. Assim, permeiam-se ao longo de toda a vida, dentro e fora das unidades escolares e acadêmicas, sendo um processo permanente e inconcluso. Nesta direção, ao tratarmos este *continuum* formativo, Conceição (2019, p. 94) nos ajuda a compreender que a formação “[...] não se dá de forma linear e que não é somente dentro do mundo acadêmico que os saberes [...] são construídos e sim através da inter-relação desses com o espaço sociocultural do qual são oriundos”. Com base nisso, refletir sobre a formação e a prática pedagógica de educadores, constitui-se como componente fundamental no processo de construção do indivíduo enquanto agente de formação (Farias, 2022).

Por conseguinte, a formação de educadores passou a ter um papel importante no país, a partir de avanços em que a educação enquanto direito de todos com acesso à escola, passa a ter como foco a permanência e aprendizagem dos cidadãos. Consoante a isso, a LDB iniciou as discussões, enfatizando que, para atuação tanto na Educação Infantil, quanto no Ensino Fundamental e Médio, deve se ter uma formação docente em um curso de licenciatura plena, sendo chamado de nível superior, caracterizada como formação inicial (Brasil, 1996). Essa possibilita que os educadores possam se apropriar de determinados conhecimentos da área, que contribuam com a inserção nos espaços educacionais e com o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, para que o processo de ensino e aprendizagem se efetive.

No contexto da formação para a atuação profissional na EC, a mesma é compreendida por meio das políticas públicas, no qual os movimentos sociais estão imersos, contribuindo com a formação de educadores não apenas do campo, mas de toda a Educação Básica. Para tanto, essa “[...] deve formar e titular seus próprios educadores, articulando-os em torno de uma proposta de desenvolvimento do campo e de um projeto político-pedagógico específico para as suas escolas” (Santos et al., 2020, p. 96). O Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) são uma das bases legais que garantem a formação de educadores na EC. Esses pontuam uma formação específica que ela esteja relacionada com a atuação profissional,

baseando-se em metodologias que atendam as particularidades dos sujeitos pertencentes ao campo.

Consoante a isso, uma das contribuições mediatizadas pela formação de educadores para atuarem no contexto do campo é “[...] reconhecer os saberes do trabalho, da terra, das experiências e das ações coletivas sociais e legitimar esses saberes como componentes teóricos dos currículos” (Arroyo, 2012, p. 363) como forma de garantia do direito à educação a todos os povos do campo. Uma vez que, ao se observar o cenário em que a população campestre está inserida, nota-se que as formas como eles produzem e se organizam para viverem em sociedade, tudo é articulado. Com base nisso, suas histórias, concepções, saberes, culturas, lutas, entre outros, devem estar inclusos na formação desses educadores, “[...] a fim de que possam ter referência de conteúdo e de método para pensar em uma escola que integre o trabalho com o conhecimento aos aspectos mais significativos da vida real de seus sujeitos” (Molina; Sá, 2012, p. 472), promovendo, dessa forma, uma articulação entre a escola e a comunidade.

Com vista a isso, a Licenciatura em Educação do Campo constitui-se como uma modalidade mais atual dos cursos de graduação de algumas universidades brasileiras. A mesma objetiva oferecer uma formação específica para os profissionais atuarem nas etapas do Ensino Fundamental – anos finais e do Ensino Médio, com vista ao desenvolvimento de suas práticas pedagógicas em escolas da educação básica situadas no campo. Em sua organização curricular, sendo essa voltada a cada área de conhecimento, busca garantir o processo educativo escolar e comunitário, articulando a educação e a realidade própria da população que reside no campo (Molina; Sá, 2012).

No entanto, uma das dificuldades dos cursos de Licenciaturas da EC “[...] é como efetivamente articular a realidade dos sujeitos e o campo brasileiro, bem como efetivar uma organização curricular, uma seleção de conteúdos e uma organização político pedagógica da escola de uma forma próxima aos princípios preconizados pela EC” (Gonçalves, 2018, p. 60). Consoante a isso, observa-se que mesmo havendo uma formação específica, há impasses para o desenvolvimento das práticas pedagógicas dos educadores que lecionam na EC. Nesse aspecto, pontuando aqueles em que não tiveram uma qualificação voltada ao ambiente do campo, o índice de obstáculos pode ainda ser maior, uma vez que muitos educadores não obtiveram sua formação em contexto de licenciaturas da EC.

Para tanto, além desse processo de formação inicial, há a formação continuada que pode propiciar a utilização de estratégias para o contexto em que o educador estará atuando, trazendo autonomia em sua prática pedagógica e possibilidades de mudanças. Uma vez que,

para um melhor planejamento, desenvolvimento de determinados conteúdos e formas de avaliação, faz-se necessário conhecer a realidade da instituição escolar, o contexto que ela está inserida, os temas presentes no seu PPP (sociais ou transversais) e as particularidades dos sujeitos que a compõem. O educador, então por meio das suas ações na própria experiência profissional e pessoal poderá articular os conhecimentos científicos com os da vida, de forma crítica e particular de acordo com o que foi observado.

No que tange a EC, a formação continuada é, também, considerada como uma estratégia benéfica para com o processo de ensino e aprendizagem, intermediados pelas práticas pedagógicas dos educadores (Silvério; Isobe, 2020). Pois, além de ser um complemento à formação inicial, é um subsídio para a melhoria do contexto teórico e prático do profissional enquanto educador. Haja vista que a mesma é um meio promotor de discussões e reflexões que rompem com os paradigmas de uma educação voltada apenas para o meio urbano, possibilitando estratégias de ensino e aprendizagem contextualizadas, abordando temáticas que façam parte do modo de vida dos sujeitos que vivem no campo. Além disso, é uma forma de enaltecer a cultura, os valores e a história dos camponeses, contribuindo com uma educação que respeite a diversidade e as especificidades de cada um enquanto agente cidadão.

A Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002, que institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo, enfatiza que os sistemas de ensino devem observar no processo de normatização complementar da formação de educadores para atuarem em escolas do campo:

I – estudos a respeito da diversidade e o efetivo protagonismo das crianças, dos jovens e dos adultos do campo na construção da qualidade social da vida individual e coletiva, da região, do país e do mundo; II – propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas (Brasil, 2002, Art. 13).

Dessa forma, o educador ao ser remanejado a lecionar no contexto da EC terá subsídios para atuação, sendo mediatizados pela formação inicial e continuada, que são garantidas por lei para que se desenvolva o processo de ensino e aprendizagem que atenda as demandas da população camponesa. Não obstante, os mesmos terão um aperfeiçoamento constante como forma de contribuir com a prática pedagógica e a superação de obstáculos que possam surgir.

No contexto do estado da Bahia, segundo a Resolução CNE/CEB nº 103, de 28 de setembro de 2015, a formação inicial e continuada dos profissionais que atuam na EC “[...]”

deverá ser garantida com base em concepção e metodologia própria, atendendo às especificidades da educação do campo, por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão, desenvolvidas pelas Instituições Públicas de Educação Superior” (BRASIL, 2015). Destarte, nota-se uma garantia de que os educadores tenham uma formação com subsídios para desenvolver suas práticas no contexto escolar do campo do estado da Bahia.

No contexto dos educadores que lecionam na modalidade da EPJAI do campo, a dificuldade para desenvolver as suas práticas pedagógicas podem ainda ser maiores, visto que, este é um cenário que precisa de um certo aprofundamento teórico, devido às suas particularidades e especificidades. Afinal, os educadores que lecionam no contexto educacional do campo possuem ou não formação inicial e continuada com vistas à Educação do Campo? Como estes, desenvolvem suas práticas pedagógicas articulando com as singularidades dos educandos camponeses jovens, adultos e idosos? Qual a relação existente entre a localidade de atuação profissional e o educador que experiencia diariamente a realidade da EC?

Frente ao exposto apresentado e dos questionamentos que nos levam a refletir, objetivamos por intermédio desta pesquisa, *investigar como ocorrem as práticas pedagógicas dos educadores matemáticos na Educação do Campo do município de Vitória da Conquista – BA que possuem a EPJAI*. Como objetivos específicos, buscamos identificar como os educadores trabalham a temática de Grandezas e Medidas na sala de aula, compreender quais são os desafios e investigar como é desenvolvido o ensino e aprendizagem da matemática para esse público.

A seguir, no próximo capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a obtenção dos resultados da pesquisa.

2 CAMINHOS E DESCAMINHOS DO PROCESSO INVESTIGATIVO

Neste capítulo, apresentamos todos os procedimentos que foram necessários para o processo de realização da pesquisa, no intuito de investigar as práticas pedagógicas de educadores matemáticos, que lecionam no contexto da Educação do Campo em turmas da EPJAI. Na primeira subseção, definimos o tipo de pesquisa utilizada para delinear o estudo, na segunda, apresentamos o contexto em que a pesquisa está inserida, na terceira, discorreremos a respeito dos processos que nos auxiliam na produção dos dados, e por fim, na quarta, apresentamos o perfil dos participantes que contribuíram com o desenvolvimento da nossa pesquisa.

2.1 Abordagem Metodológica

Na tessitura de minhas palavras, tenciono responder a seguinte questão norteadora: *Como os educadores trabalham os saberes de Grandezas e Medidas produzidas no campo pelos educandos jovens, adultos e idosos que estão inseridos nesse ambiente?* O presente estudo objetiva investigar como ocorrem as práticas pedagógicas dos educadores matemáticos na Educação do Campo do município de Vitória da Conquista - BA, centrando o foco na EPJAI. Nesse sentido, faz-se necessário compreender as particularidades de cada um, enquanto educador e integrante do ambiente em que a instituição de ensino está localizada, bem como, o seu processo de formação inicial, continuada e o contexto da EC.

Consoante a isso, o estudo foi desenvolvido a partir da abordagem qualitativa, visto que o foco dela se ampara em como os participantes entendem a sua vida, apresentando suas percepções e experiências. O pesquisador então, buscará compreender mais de uma realidade por intermédio de diferentes estratégias, podendo ser com observações de comportamento ou atividades, entrevistas estruturadas, não estruturadas ou semiestruturadas, documentos públicos ou privados, ou ainda, com material de áudio e visual (Creswell; Creswell, 2021). Ainda, essa busca investigar a partir de uma dada situação ou fenômeno, os dados descritivos, no qual o pesquisador tem uma aproximação direta com o que se pretende investigar (Batista; Matos, 2017). Para tanto, utiliza-se da perspectiva das pessoas, levando em conta os pontos relevantes para responder o fenômeno em estudo.

Para os autores Creswell e Creswell (2021), a pesquisa qualitativa, normalmente, ocorre em um cenário natural, em que os participantes estão inseridos, em que, quando possível, o pesquisador vai ao local (nesse caso, as escolas do campo) onde se encontra o participante para conduzir a pesquisa. Esse é um momento da pesquisadora desenvolver um nível mais profundo de detalhes a respeito das pessoas, do local, dos cenários, bem como,

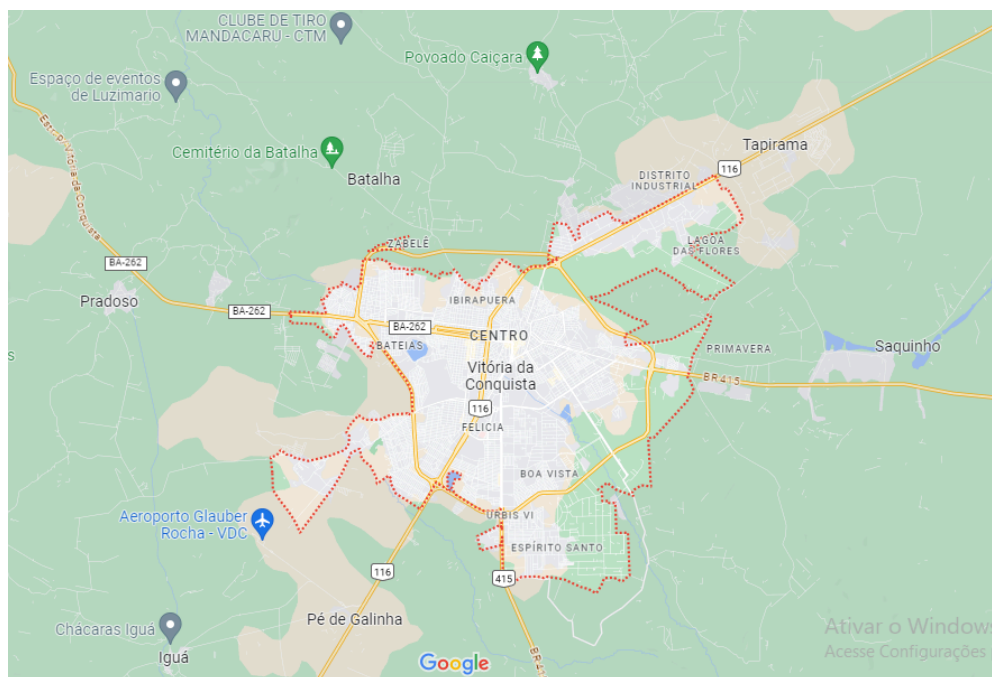
permite um envolvimento nas experiências reais dos participantes. Dessa forma, essa se relaciona diretamente com o objetivo da pesquisa, em que se busca investigar as práticas dos educadores, a partir do seu ponto de vista e da realidade individual de cada um, tendo centralidade no contexto de escolas do campo e da modalidade da EPJAI.

A seguir, apresento o contexto em que ocorreu a produção dos dados da pesquisa.

2.2 Contexto da Pesquisa

A pesquisa se insere na cidade de Vitória da Conquista, que está situada na região do sudoeste baiano, sendo essa a terceira maior do estado, com uma população estimada de, aproximadamente, 370 mil habitantes, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado no ano de 2022. A Figura 1 apresenta a vista superior do município, sendo sua extensão territorial de 3.254,186 km².

Figura 1: Município de Vitória da Conquista



Fonte: Google Mapas

Na imagem, o pontilhado vermelho representa a área urbana de Vitória da Conquista e a vizinhança constitui-se os povoados do município. O mesmo possui como divisão 24 bairros que são subdivididos em 75 loteamentos e 284 povoados distribuídos em 11 distritos, sendo esses: Bate Pé, Cabeceira da Jiboia, Cercadinho, Dantelândia, Iguá, Inhobim, José Gonçalves, Pradoso, São João da Vitória, São Sebastião e Veredinha. Além disso, esse possui como municípios limítrofes as cidades de Anagé, Barra do Choça, Belo Campo, Cândido Sales, Encruzilhada, Itambé, Planalto e Ribeirão do Largo.

De acordo com os dados que constam no Catálogo de Escolas, disponibilizados pelo MEC por intermédio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)⁵, o município de Vitória da Conquista possui 178 escolas públicas ativas correspondentes às dependências administrativas municipais (158 escolas) e estaduais (20 escolas). Dentre estas, ressalta-se que 101 estão localizadas na área urbana e 77 compreendidas na área rural do município. Salienta-se que, o Catálogo de Escolas integra o InepData, conjunto de painéis de BI (*Business Intelligence*), sendo este lançado em 2019. Para obtenção desses dados, realizamos uma busca no dia 20 de outubro de 2023.

Dessa forma, ao se voltar os olhares para as escolas situadas no campo, observando a modalidade de ensino da EPJAI, realizamos uma nova busca nos dados do INEP e obtivemos 17 instituições educacionais que a oferta. Entre estas, pontua-se que 15 são da rede municipal e, apenas, 2 da rede estadual. Consoante a isso, inicialmente, buscou-se o contato com os educadores que lecionam a disciplina de matemática na EPJAI da modalidade da Educação do Campo de escolas municipais da cidade de Vitória da Conquista. Para tanto, foi solicitado à Secretaria Municipal de Educação (SMED), a relação de escolas com tais características, bem como, o seu endereço de e-mail. A mesma, então, encaminhou uma lista com 15 escolas municipais localizadas no campo que possuíam a modalidade da Educação de Pessoas Jovens, Adultos e Idosos.

Frente a isso, foi enviado para cada instituição escolar um e-mail⁶ realizando um convite aos educadores que lecionam a disciplina de matemática em turmas da EPJAI a participarem da pesquisa. Neste, continha uma breve apresentação da pesquisadora e de seu, respectivo, orientador, bem como, o contexto em que a pesquisa estava inserida, seu objetivo geral e específicos, além das possíveis contribuições que ela trará. No entanto, obtivemos apenas o retorno de uma escola que se mostrou flexível a contribuir com a pesquisa, pontuando que nela havia, somente, um educador com tais características, já as demais não responderam ao convite.

Por haver uma dificuldade de contato com as escolas municipais, visto que elas não possuíam um meio telefônico de comunicação, busquei outras formas de convidar os educadores. Por intermédio do diálogo com pessoas que conheciam as escolas e a localidade, buscou-se maneiras para uma aproximação com as instituições e seus educadores. Com isso, tivemos o retorno e a aceitação de duas educadoras para participarem da pesquisa e a recusa

⁵ <https://inepdata.inep.gov.br/analytics/saw.dll?Dashboard>

⁶ (Apêndice I)

de um educador. Com relação às demais escolas, não obtivemos o retorno do convite, essas então não participaram da pesquisa.

Em contato pelo *WhatsApp* com os três educadores que aceitaram participar, tentamos de diferentes maneiras marcar a entrevista, sejam essas na modalidade presencial ou online. Em conversa com um educador, esse se mostrou flexível a participar, então conseguimos marcar a sua entrevista em um dia pela manhã. Com relação a outra educadora, marcamos um encontro no período matutino na UESB, em que ela relatou que por volta das 10h às 10h30 poderíamos nos encontrar. No entanto, a mesma não compareceu como havíamos combinado, bem como, não retornou mais as mensagens. A terceira educadora, de diversas formas buscamos maneiras de flexibilizar a entrevista e marcamos um dia com um melhor horário para nos encontrarmos, entretanto ela sempre relatava que não havia disponibilidade.

Dessa forma, por não obtermos um retorno das outras 14 escolas municipais ou pelos educadores não se mostrarem interessados a participarem da pesquisa, além do curto tempo para produção dos dados e a dificuldade de deslocamento, optamos por ampliar para o contexto dos educadores da rede estadual. Consoante a isso, analisou-se que havia, somente, duas escolas do campo da rede estadual de Vitória da Conquista. Frente a isso, por essas serem mais próximas do meio urbano, seria realizada uma visita, presencialmente, para fazer o convite aos educadores que lecionam a disciplina de matemática em turmas da EPJAI, caso estes aceitassem, já se realizava a entrevista.

No dia 7 de novembro pela manhã, realizamos a visita no Colégio Estadual do Campo de José Gonçalves e no Colégio Estadual do Campo da Cabeceira da Jiboia, sendo esses, distritos do município de Vitória da Conquista. Em conversa com a vice-diretora de cada um dos colégios, elas informaram que os educadores matemáticos da EPJAI estariam presentes, somente, no turno da noite, mas que poderiam informar a eles sobre a nossa visita e disponibilizar o seus contatos para realizarmos as entrevistas.

Dessa forma, tivemos a aceitação dos quatro educadores que lecionavam nas regiões. Em contato com cada um dos dois educadores do colégio de José Gonçalves, eles preferiram realizar as entrevistas na referida instituição, sendo feitas nos dias 13 e 15 de novembro, respectivamente. Com os demais do colégio da Cabeceira da Jiboia, preferiu-se que fossem realizadas de forma online no dia 15 de novembro. No entanto, só conseguimos realizar com um educador, visto que a outra educadora não respondeu mais as mensagens.

A seguir, na próxima subseção, será feita uma apresentação dos instrumentos, da organização e do processo de análise para com a produção dos dados e em seguida, o perfil dos participantes da pesquisa.

2.3 Instrumentos, organização e processo de análise dos dados

Para produção dos dados do estudo, baseando-se na pesquisa qualitativa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro educadores que lecionam a disciplina de matemática em três escolas do campo do município de Vitória da Conquista, sendo uma municipal e dois colégios estaduais, visto que estes possuem experiências que estão diretamente relacionadas com o problema da pesquisa. Para Batista e Matos (2017, p. 26), “[...] utilizar-se da entrevista para obtenção de informação é buscar compreender a subjetividade do indivíduo por meio de seus depoimentos, pois se trata do modo como aquele sujeito observa, vivencia e analisa seu tempo histórico, seu momento, seu meio social etc”. Dessa forma, optamos pela entrevista para a produção dos dados, pois queríamos uma interação com os educadores, para que eles pudessem expressar a respeito de suas experiências de atuação no contexto do campo e das turmas da EPJAI, no intuito de construir informações para o desenvolvimento da pesquisa.

A utilização de entrevistas, também, nos proporciona a produção de dados sobre o que as pessoas fazem, como fazer e os motivos pelos quais fazem, no caso específico, como os educadores desenvolvem suas práticas pedagógicas no contexto de turmas da EPJAI do campo, como se sentem e as circunstâncias e motivos sob as quais sentem o que sentem (Guazi, 2021). Essa pode ser por meio de uma conversa em que o pesquisador conduz frente a frente com os participantes de forma individual, presencial, por telefone ou por intermédio de grupos focais, com 6 a 8 pessoas em cada um, com o propósito de suscitar concepções e opiniões dos entrevistados (Creswell; Creswell, 2021).

Consoante a isso, buscando uma maior interação com os educadores, no intuito de proporcionar a eles uma conversa mais descontraída, optamos pela utilização de entrevistas semiestruturadas, pois elas possuem um roteiro que é previamente elaborado, com pontos a serem contemplados, mas que permite alterar a ordem deles e incrementar novas perguntas que não estavam previstas (Russo; Silva, 2019). Além disso, compreendemos, ainda, segundo os autores, que as entrevistas semiestruturadas irão permitir que os educadores apresentem seus pontos de vista, positivos ou negativos, de forma dialógica e interativa, possibilitando dessa forma, não limitar as respostas.

No que tange a utilização de entrevistas para a produção dos dados de uma pesquisa, a mesma apresenta vantagens e limitações, como todo método de investigação. Dentre as vantagens, Creswell e Creswell (2021) apresentam três, que podem ser observadas na adaptação da Figura 2.

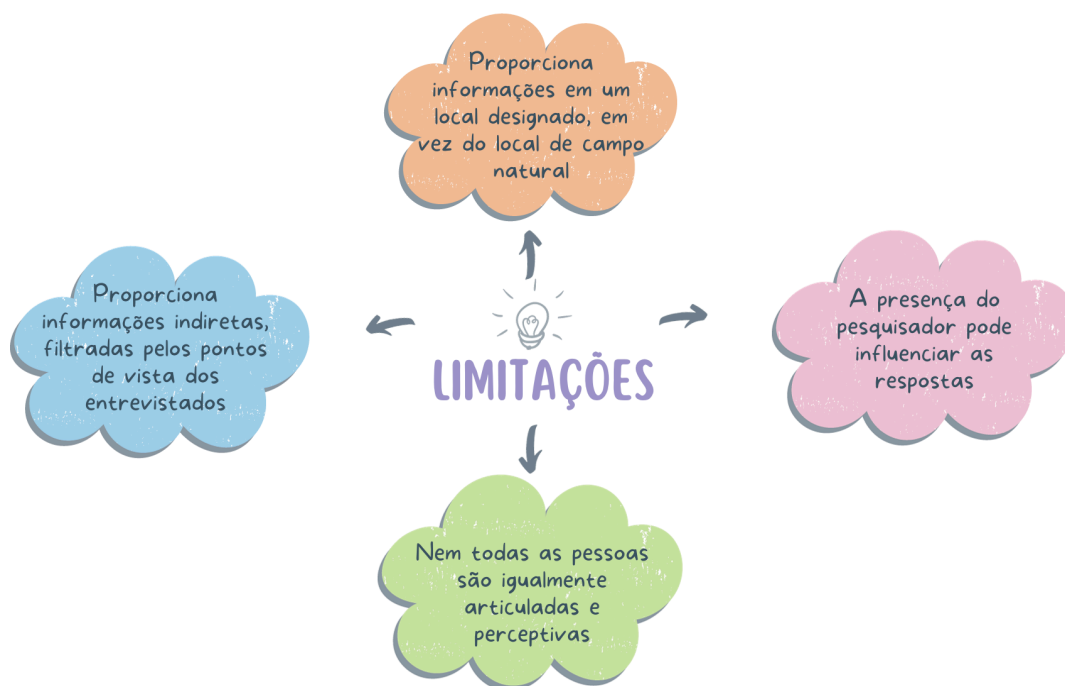
Figura 2: Vantagens da utilização de entrevistas



Fonte: Adaptação da autora baseado em Creswell e Creswell (2021)

Entre as vantagens, destaca-se a utilidade quando os participantes não podem ser diretamente observados, bem como, a partir das entrevistas, esses podem fornecer informações pertinentes a respeito de contextos históricos que podem contribuir para com a pesquisa. Além disso, o pesquisador pode direcionar a linha dos questionamentos, ou seja, não precisa seguir rigorosamente o roteiro de questionamentos, podendo, dessa forma, combinar as perguntas previamente definidas com outras espontâneas que forem surgindo ao longo do diálogo, conduzindo a mesma de maneira informal, mas de tal forma que ela se dirija as discussões para as temáticas da pesquisa. A seguir, na Figura 3, apresentamos as limitações para com a utilização de entrevistas.

Figura 3: Limitações da utilização de entrevistas



Fonte: Adaptação da autora baseado em Creswell e Creswell (2021)

Entre as limitações presentes na utilização de entrevistas para a produção de dados de uma pesquisa, observa-se que a mesma apresenta informações indiretas que são filtradas pelos participantes a respeito do ponto de vista de cada um, bem como pode proporcionar informações de um lugar designado, ao invés do local de campo natural. Além disso, a presença do pesquisador pode influenciar nas respostas, podendo essas serem omitidas, e por fim, nem todos os participantes conseguem ser articulados e perceptivos.

À vista disso, considerando as vantagens e limitações presente neste tipo de instrumento para produção dos dados, a entrevista semiestruturada conteve questões elaboradas de tal modo a contemplar o objetivo proposto no estudo. Essas foram construídas em blocos: o primeiro tinha o objetivo de conhecer a formação acadêmica, inicial e continuada dos educadores, suas experiências educacionais, tempo de atuação nas escolas do campo e em turmas da EPJAI. O segundo bloco teve o intuito de compreender a concepção de Educação do Campo que os educadores tinham, suas percepções a respeito das escolas inseridas no campo e suas experiências e dificuldades com as modalidades da EC e da EPJAI. O terceiro bloco, visou entender o processo de ensino e aprendizagem nas escolas que eles estão inseridos, por intermédio de suas práticas pedagógicas, a experiência com a EC e o ensino de matemática, retratando a temática de Grandezas e Medidas.

Como forma de apreensão dos dados, três entrevistas foram realizadas, frente a frente, de forma individual com os educadores que lecionam a disciplina de matemática na EPJAI na

modalidade do campo, e outra, devido às limitações, foi por intermédio de uma chamada de vídeo via *WhatsApp*, o que permitiu uma interação síncrona (em tempo real) com o educador. As mesmas objetivaram buscar informações indiretas e opiniões com vistas às perspectivas dos entrevistados e a subjetividade de cada um.

Para tanto, foram utilizadas gravações de áudio, no intuito de transcrever as falas dos participantes, visando preservar a autenticidade de suas experiências e perspectivas, bem como, permitiu que a pesquisadora analisasse, novamente, detalhes pertinentes aos movimentos de análises. Ressalta-se que a transcrição foi apresentada a cada um dos participantes, para que eles pudessem realizar a leitura, revisar e autorizar a utilização das mesmas na pesquisa. Além disso, foi utilizado o diário de campo em que a pesquisadora registrou observações de acontecimentos, descrições do ambiente e/ou cenários, das pessoas e a descrição de pontos pertinentes e semelhantes entre os diálogos com os diferentes participantes. Também, nele, foi indicado o local, dia, a hora e o período de duração em que a entrevistadora esteve com os participantes para a produção dos dados, como eles se comportaram, suas reações, entre outros. Haja vista que, “[...] a escrita dos diários de campo pode envolver registros que permitam acompanhar o movimento da atenção do(a) pesquisador(a) em relação aos fenômenos estudados” (Kroef; Gavillon; Ramm, p. 467).

A partir da preparação dos dados por intermédio da transcrição das falas e das notas realizadas no diário de campo, foi obtido um sentido geral das informações e uma reflexão, em que a pesquisadora registrou suas considerações. Essas foram a partir das ideias gerais que os participantes expuseram, seus pontos de vista, profundidade das informações e credibilidade, bem como, com a subjetividade de cada. Em seguida, foi realizada uma análise detalhada com um processo de codificação, que é a organização de materiais em “grupos” antes de dar sentidos a eles (Creswell e Creswell, 2021). Para tanto, as falas transcritas foram agrupadas em tópicos similares e classificados como principais, esses foram organizados em categorias de tal modo a identificar as inter-relações existentes e o que se distanciam nos dados obtidos quanto a descrição dos cenários, das pessoas, dos fatos, das práticas pedagógicas dos educadores e dos temas para análise.

Por conseguinte, foi feita uma interpretação, de tal modo a extrair significados dos dados, e por fim, a validação dos resultados, baseando-se em algumas das estratégias recomendadas por Creswell e Creswell (2021), sendo elas: triangulação das diferentes fontes de informações dos dados, que significa, encontrar semelhanças nas diferentes fontes dos dados, examinando as mesmas, para criar uma justificativa coerente para os temas. A utilização de uma descrição rica, densa e detalhada, pois quando o pesquisador oferece

muitas perspectivas sobre o tema, os resultados tornam-se mais realistas e ricos. Por fim, a apresentação de informações que foram negativas e discrepantes contra os temas, sendo essa uma forma de dar credibilidade ao relato.

Portanto, por intermédio das gravações e anotações feitas durante as entrevistas, pudemos compreender como ocorrem as práticas pedagógicas dos educadores que lecionam a disciplina de matemática em turmas da EPJAI em escolas situadas no campo, bem como, foi possível investigar se eles relacionam os conteúdos de Grandezas e Medidas com as vivências e saberes advindos do cotidiano dos educandos jovens, adultos e idosos.

Na próxima subseção, apresentamos o perfil dos quatro educadores participantes da pesquisa, bem como, a realização das entrevistas de cada um, sendo o pseudônimo escolhido, a data, local, duração e a devolutiva da transcrição das entrevistas.

2.4 Perfil dos Educadores

A pesquisa abrangeu quatro educadores que lecionam a disciplina de matemática na modalidade da EPJAI em três escolas públicas situadas no campo do município de Vitória da Conquista, sendo uma municipal e dois colégios estaduais. Esses são sujeitos que estão, diretamente, relacionados com o objeto de estudo, e que contribuíram para com os resultados advindos do presente objetivo geral da pesquisa, *investigar como ocorrem as práticas pedagógicas dos educadores matemáticos na Educação do Campo do município de Vitória da Conquista - BA que possuem a EPJAI*. Como objetivos específicos, buscamos identificar como os educadores trabalham a temática de Grandezas e Medidas na sala de aula, compreender quais são os desafios e investigar como é desenvolvido o ensino e aprendizagem da matemática para esse público.

Ressalta-se que a identidade dos sujeitos foram preservadas, mantendo o anonimato, por intermédio do pseudônimo escolhido por cada participante ao assinar o termo de consentimento livre e esclarecido⁷, bem como, o termo de autorização para uso de imagens e depoimentos⁸ para a utilização das falas na pesquisa realizada. No quadro a seguir, apresentamos a realização das entrevistas de cada educador, sendo o pseudônimo escolhido, a data, local, duração e a devolutiva da transcrição das entrevistas.

Quadro 1: Dados da entrevista

Educadores	Data de realização	Local	Duração	Transcrição
------------	--------------------	-------	---------	-------------

⁷ (Apêndice III)

⁸ (Apêndice IV)

Beto	06/11/2023	Colégio	1h 22min 17s	Não fez alterações
Pull	13/11/2023	Colégio	1h 12min 04s	Não fez alterações
Batman	15/11/2023	<i>WhatsApp</i>	51min 25s	Não fez alterações
Beg	16/11/2023	Colégio	1h 38min 10s	Não fez alterações

Fonte: Acervo da autora (2023)

As entrevistas com Pull e Bag foram realizadas, especificamente, no colégio do campo em que eles atuam, já a entrevista com Beto foi feita em outra instituição situada no perímetro urbano no qual ele leciona. Como forma de realizar uma descrição dos educadores que participaram das entrevistas, faremos uma breve apresentação de cada um.

Beto é graduado em Licenciatura em Matemática, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), possui Especialização em Educação Matemática pela Faculdade Integrada de Jacarepaguá (FIJ), e é mestre em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGen) pela UESB. Atualmente, atua 20 horas semanais como educador concursado na Secretaria de Educação do Estado da Bahia e 20 na Rede Municipal de Ensino de Vitória da Conquista, atuando há 20 anos em escolas da Educação Básica de ensino do município, dentre essas lecionando na modalidade do campo e a EPJAI.

Pull é graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), possui pós-graduação no ensino de matemática e uma especialização com enfoque no uso de tecnologias. Atualmente, atua 20 horas semanais como educador concursado na Secretaria de Educação do Estado da Bahia e 20 na Rede Municipal de Ensino de Vitória da Conquista. Leciona há 13 anos no contexto de escolas do campo.

Batman é graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), possui Graduação e Pós-Graduação em Engenharia Civil pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), e Especialização em Matemática Pura pela UESB. Tem 22 anos de experiência em instituições da Educação Básica, e atualmente leciona 20 horas semanais como educador substituto em um colégio do campo, bem como, trabalha como engenheiro na prefeitura municipal de Vitória da Conquista.

Beg é graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), atua a 31 anos como educador em instituições da Educação Básica, dentre elas a rede particular de ensino, a Secretaria de Educação do Estado da Bahia e a Rede Municipal de Ensino de Vitória da Conquista, mas atualmente, leciona 40 horas semanais, somente, em uma escola do campo. Desenvolve um projeto relacionado ao ensino de matemática, no qual produz materiais digitais por intermédio das plataformas do

Instagram e do *Youtuber*, bem como está escrevendo livros relacionados a mais de vinte e cinco conteúdos matemáticos, nos quais, a partir deles serão gravadas vídeo aulas explicativas.

No próximo capítulo, apresentamos as vozes dos educadores que lecionam a disciplina de matemática em turmas da EPJAI no contexto do campo do município de Vitória da Conquista. Para tanto, refletimos, em diálogo com as experiências e realidades expostas por cada um.

3 VOZES DOS EDUCADORES MATEMÁTICOS DA EC E DA EPJAI

Neste capítulo, apresentamos os resultados e as discussões dos dados produzidos na pesquisa, em diálogo com as vozes dos educadores e as ideias dos aportes teóricos referenciados. Para isso, recordamos a seguinte questão de pesquisa: *como os educadores trabalham os saberes de Grandezas e Medidas produzidas no campo pelos educandos da EPJAI que estão inseridos nesse ambiente?* Apresentamos como objetivo geral, *investigar como ocorrem as práticas pedagógicas dos educadores matemáticos na Educação do Campo do município de Vitória da Conquista - BA que possuem a EPJAI*. Consoante a isso, buscando responder o objetivo da pesquisa, analisamos por categoria quatro entrevistas realizadas com educadores que lecionam a disciplina de matemática em turmas da EPJAI de escolas do campo.

Na primeira subseção, apresentamos a formação de cada um dos educadores no contexto da Educação do Campo e da EPJAI, por intermédio de uma análise e leitura profunda nas suas colocações.

Na segunda subseção, apresentamos as percepções, os contextos e as relações estabelecidas pelos educadores no que diz respeito ao que eles entendem por Educação do Campo e como é a atuação deles nessa modalidade, e especialmente na modalidade da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas, refletindo a respeito de suas características e o processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

Na terceira subseção, apresentamos a percepção dos educadores quanto a relação entre a matemática e o campo, dando ênfase a unidade temática de Grandezas e Medidas. Para isso, buscamos compreender como eles desenvolvem o ensino de matemática nas turmas da EPJAI do campo, os critérios de seleção dos conteúdos matemáticos, se utilizam os saberes cotidianos e as vivências dos educandos do campo para o ensino de matemática, seus conhecimentos sobre a realidade da comunidade camponesa em que a escola está inserida e o desenvolvimento de projetos relacionados com os saberes advindos do cotidiano dos educandos.

Por fim, na quarta e última subseção, apresentamos os caminhos e descaminhos da Educação do Campo e da EPJAI. Para tanto, dialogamos com as percepções dos educadores sobre as dificuldades que eles enfrentam ou já enfrentaram, o que acreditam que poderia ser feito para melhorar o ensino e aprendizagem dos educandos da EPJAI no campo e questões que gostariam de falar ou complementar na entrevista.

3.1 Formação: EC e EPJAI versus Teoria e Prática

Na subseção, buscamos refletir, em diálogo com os quatro educadores entrevistados, no contexto de formação para atuação no campo e na modalidade da EPJAI. Por intermédio da análise realizada em cada uma das falas dos participantes, foi possível conectar e desconectar a realidade da experiência pessoal, bem como, a subjetividade presente em cada história. A partir das entrevistas foram selecionadas trechos de falas relacionadas ao enfoque das temáticas presentes na pesquisa, em concordância com os aportes teóricos referenciados.

No intuito de compreendermos como se deu a formação acadêmica, seja esta inicial ou continuada dos educadores, no contexto da Educação do Campo e da Educação de Pessoas, Jovens, Adultas e Idosas, questionamos, inicialmente, se eles já tiveram alguma formação, instrução ou preparação para atuarem nessas modalidades. Os quatro educadores responderam o seguinte:

*São vinte anos que eu trabalho com o noturno e eu nunca tive nenhuma formação. **A minha prática decorreu da minha experiência diária.** O município nos oferece muito pouco, falta esse olhar para a EPJAI, a formação continuada é praticamente inexistente. Também, **nunca tive uma formação para falar de Educação do Campo.** Nem se comenta em Educação do Campo na rede municipal. As pessoas que estão à frente também não tem experiência, não têm formação. Então fica uma coisa assim, cada um faz do seu jeito (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023, grifo nosso).*

*Não. Formação continuada, não. Só teve uma formação continuada que o governo ofereceu pra gente de forma online, que foi relacionada à tecnologia na educação. Agora, **direcionada à Educação do Campo e à educação de jovens e adultos, não** (Pull, Entrevista, 13 nov. 2023, grifo nosso).*

*Não, **nunca tive formação nenhuma, nem com relação à Educação do campo, nem com a educação de pessoas jovens e adultas** (Batman, Entrevista, 15 nov. 2023, grifo nosso).*

***Do campo direcionado não.** Alguma coisa projetada pra vim aqui instruir a gente, não. Quando a escola foi projetada para o campo, a gente pegou na força bruta. Do jeito que veio a gente teve que começar a fazer. No começo a gente não sabia nem o que era pra explicar nas matérias, logo quando começou, implantou o colégio do campo, mas não tinha aquela formação, com o tempo fomos melhorando. **Eu tive mais formação da vida mesmo,** porque como eu moro aqui na região e mexo com o sítio, então eu conheço a vivência e as necessidades dos estudantes da localidade, então foi a formação da vida mesmo (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023, grifo nosso).*

Observa-se a partir da fala de cada um dos educadores investigados que nenhum deles obteve uma formação voltada para a Educação do Campo e nem a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas. Dessa forma, nota-se a falta de garantia disposta pelas leis que regem a formação de educadores para atuarem no campo. No Decreto nº 7.352, em seu artigo primeiro, afirma-se a necessidade do educador do campo ter um subsídio para o seu trabalho, a partir de formações iniciais e continuadas, como também, evidencia em seu artigo segundo

o desenvolvimento de políticas públicas de formação de profissionais da educação. No que diz respeito à modalidade da Educação de Pessoas, Jovens, Adultas e Idosas, em seu artigo quarto, destaca-se a qualificação social e profissional, articulada à promoção do desenvolvimento sustentável do campo.

Além disso, em sua fala, Beto, também, evidencia que “[...] *as pessoas que estão à frente também não têm experiência, não têm formação*”, sendo essas, a coordenação e gestores da escola. Ainda de acordo com o artigo quarto do mesmo decreto citado anteriormente, percebe-se que o mesmo valida a necessidade de uma formação não só dos educadores, mas dos gestores e profissionais da educação para atender ao funcionamento das escolas do campo, devido às especificidades deste contexto e a necessidade desses funcionários conhecerem tais particularidades. Percebemos que pela lei, toda a escola do campo a nível de coordenadores, gestores e educadores precisam ter uma formação inicial e continuada para o trabalho nesse contexto.

Entretanto, ao se observar as falas dos educadores Beto e Berg, ampliamos nossas discussões para uma aproximação existente quando eles narram que “*A minha prática decorreu da minha experiência diária*”, “*Eu tive mais formação da vida mesmo, porque como eu moro aqui na região e mexo com o sítio, então eu conheço a vivência e as necessidades dos estudantes da localidade, então foi a formação da vida mesmo*”, respectivamente. Dessa forma, percebe-se que suas práticas pedagógicas vêm sendo formada a partir de suas vivências e do espaço sócio-cultural das escolas do campo do qual eles estão inseridos, sendo essa fundada no diálogo, na reflexão e na ação transformadora de sua realidade, no seu atuar, compreendendo, uma educação direcionada às atividades cotidianas dos educandos (Freire, 2021). Observamos nas falas dos dois educadores, que a experiência com a localidade e com os sujeitos que a compõem, permitem que eles construam suas práticas pedagógicas que vão de acordo com o pensamento de Freire.

Apesar das dificuldades encontradas ao se trabalhar com a modalidade da EC e da EPJAI sem uma formação específica, os educadores buscam, a partir das suas experiências de vida, superar tais diversidades no intuito de possibilitar uma prática pedagógica que contribua para com o processo de ensino e aprendizagem dos educandos, como acrescenta o educador Beto em sua fala:

Apesar de todas as dificuldades, eu nunca me afastei da sala de aula porque eu gosto, eu me sinto bastante realizado trabalhando com o pessoal do noturno. Porque eu valorizo bastante a vivência deles, a realidade de cada um (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023).

Em sua afirmação, ele se expressa no âmbito de uma preocupação coletiva vinculada ao estabelecimento de uma relação educacional com todos os sujeitos que a compõem. Contribuindo para com a ampliação de discussões que perpassam a construção de conhecimentos para o desenvolvimento profissional, mas para a identidade pessoal, no intuito de legitimar uma educação advinda da realidade de cada um e valorizar os saberes que estes já possuem em sua vida pessoal e escolar.

Dessa forma, nessa subseção, pontuamos as particularidades dos educadores, analisando os seus percursos formativos, levando em consideração a suas formações no âmbito da Educação do Campo e da EPJAI. Com as reflexões geradas, conhecendo as formações desses educadores e nas próximas subseções, analisamos como essas podem influenciar nas suas práticas pedagógicas, ou seja, em suas experiências diárias com as modalidades.

3.2 Educação do Campo e EPJAI: percepções, contextos e relações

Nesta subseção, propomos discutir sobre a concepção de Educação do Campo que os educadores têm, bem como se eles consideram a escola que lecionam como sendo do campo e as dificuldades com relação à essa modalidade e a da EPJAI. Essa reflexão emergiu das nossas discussões teóricas, pois existe uma diferenciação entre as nomenclaturas *Educação Rural*, *Educação no Campo*, *Educação para o Campo* e EC, cientes de que a utilização da preposição *do* que caracteriza a EC é defendida na literatura pelos autores (Arroyo, 2012; Caldart, 2012; Molina, 2012) como sendo uma educação protagonizada pelos movimentos sociais, mediatizados pelos trabalhadores camponeses, no intuito de uma prática pedagógica que esteja interligada com os seus anseios, vivência e realidade.

Consoante a isso, buscando compreender a concepção de Educação do Campo para os quatro educadores, questionamos a eles o que seria essa nomenclatura, tais respostas podem ser evidenciadas nas falas de cada um.

A Educação do Campo surgiu numa proposta diferente do que se propunha, porque, primeiramente, houve uma debandada das pessoas do campo para cidade, pois se pregava para essas pessoas que a cidade era um lugar de oportunidade. Depois de um tempo passou até um olhar para o campo, porque quando essas pessoas vêm pra cidade elas vem sem possibilidade de trabalho na cidade e são pessoas pobres geralmente, quando possuíam terra vendia a qualquer preço pra vim pra cidade em busca de uma vida melhor, de um trabalho mais digno, de um trabalho menos braçal, quando chega na cidade não tem nada pra fazer. Então começaram a se pensar criar políticas para uma educação do campo para tentar manter essas pessoas lá no campo. Então essa proposta de educação do campo eu acredito que foi uma proposta para tentar manter as pessoas do campo no campo (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023, grifo nosso).

As falas do educador Beto vão ao encontro de uma Educação no Campo por conceituá-la como uma educação que esteja no local de moradia dos educandos. No entanto, ela se expressa na dicotomia do ruralismo pedagógico, pois este é compreendido como uma prática que objetiva fixar o homem no campo, devido, principalmente, ao êxodo rural, que em outras palavras foi conceituado pelo educador frente a sua concepção de EC. Não obstante, Pull constata que **“a ideia que eu tenho de campo é uma realidade de espaços geográficos diferentes, mas que o jovem que tá aqui, ele tem os mesmos anseios, expectativas do jovem que tá lá na cidade”** (Pull, Entrevista, 13 nov. 2023, grifo nosso). Dessa forma, ele evidencia o fator de localização como sendo determinante para conceituar a EC, visto que para ele, ao se voltar os olhares para o ambiente do campo e da cidade, os educandos possuem os mesmos anseios. Batman e Beg, também, pontuam o seguinte:

*Eu nunca me prendi muito essa questão de educação do campo, não. Quando eu entro na sala de aula aqui dentro de Conquista ou lá no colégio do campo, pra mim a matemática é uma coisa só. Mas, para lhe ser sincero, **eu vejo mais a educação do campo quando eu procuro trabalhar de alguma forma em alguma situação que envolva a região deles**, procurando sempre fazer esse contexto de levar o que eles vivem para dentro da sala de aula (Batman, Entrevista, 15 nov. 2023, grifo nosso).*

*A educação do campo eu vejo como algo especial e direcionado pro campo, a lógica seria essa, algo que tem que ser direcionado pro campo, mas de outra maneira eu prefiro pensar que a educação do campo ela tem que ser **um tipo de educação em sala de aula que o aluno que está ali ele possa aproveitar aquilo no dia a dia dele** (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023, grifo nosso).*

Em suas palavras, eles caracterizam a Educação do Campo como sendo uma educação voltada à realidade e a vivência dos educandos, de tal forma que em seu dia a dia possam usufruir de tais conhecimentos adquiridos no âmbito escolar. Essas constatações dialogam na perspectiva de Molina e Sá (2012, p. 329), em que a Educação do Campo voltada às práticas educativas escolares, visa “[...] oportunizar a ligação da formação escolar para uma postura na vida, na comunidade - o desenvolvimento do território rural, compreendendo este como espaço de vida dos sujeitos camponeses”. A mesma pode contribuir para com o desenvolvimento dos sujeitos pertencentes às comunidades camponesas, por intermédio de seu protagonismo.

Em um outro momento de reflexão, buscando compreender a percepção dos educadores em relação à identidade da escola do campo na qual atuam, indagamos se eles a identificavam como sendo do campo e porquê. Um dos educadores em sua fala caracteriza ela como sendo do campo apenas pelo fator de localização geográfica, pois para ele a mesma possui em seu funcionamento característica de uma escola urbana,

*Não, ela não é, **está no campo, mas não é do campo**, porque as pessoas que estão à frente tem essa ideia de educação, que sala é depósito de menino e tem que encher, se tiver dez alunos numa educação do campo não funciona, porque ainda tem aquela ideia de que o campo e a cidade é a mesma coisa. Então **é uma escola do campo com característica de uma escola urbana**. Não tem um olhar para educação do campo não (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023, grifo nosso).*

Obstante a isso, Molina e Sá (2012, p. 329) reiteram que a identidade da escola do campo “[...] não se dá somente por sua localização geográfica, se dá também pela identidade dos espaços de reprodução social, portanto, de vida e trabalho, dos sujeitos que acolhe em seus processos educativos, nos diferentes níveis de escolarização ofertados”. Ela vai além de, apenas, um lugar físico, como apontado pelo educador. Outro fator evidenciado por um dos educadores que caracteriza a identidade da escola como sendo do campo foi a contribuição da mesma para a comunidade:

*Para te falar o que é que é uma escola do campo? **Para mim seria alguma coisa que servisse para aquela comunidade**, eu não vejo a escola ali, agora, servindo de apoio para aquela comunidade (Batman, Entrevista, 15 nov. 2023, grifo nosso).*

Como relatado, evidencia-se uma escola como sendo uma das “[...] protagonistas na criação de condições que contribuam para a promoção do desenvolvimento das comunidades camponesas, desde que se promova no seu interior importantes transformações” (Molina; Sá, 2012, p. 329). Assim, a identidade da escola do campo não é disposta apenas pelo fator localização, mas envolve outras características que, para os educadores Beto e Batman, não estão presentes no âmbito das instituições do campo em que atuam. Para Pull e Beg, suas concepções a respeito do reconhecimento, enquanto escola do campo estão voltadas para os projetos e as práticas que se relacionam com a vivência dos educandos e da comunidade local.

Aqui à noite tá mais parecido com essa proposta de campo. Quando ela foi idealizada, tinha uma expectativa de oferecer alguma alternativa de projeto agrícola que desenvolvesse habilidades e conhecimentos para a comunidade. Atualmente, está desenvolvendo aqui um projeto agrícola de uma mandala, que é uma prática de cultivar e criar aves nesse meio (Pull, Entrevista, 13 nov. 2023).

*Sim, com certeza, por causa de tudo isso, **o colégio aqui sempre busca ver a realidade social e as necessidades dos estudantes, para de alguma forma contribuir com a sua vivência**. Hoje mesmo vamos mexer com a horta com os estudantes, com coisas do campo, um projeto que está totalmente ligado à realidade e que vai ajudar no dia a dia deles. Além disso, sempre quando tem alguma família passando por necessidades, nós procuramos de alguma forma ajudar, como já distribuimos cestas básicas, fizemos chá de fraldas para estudantes quando estão grávidas, entre outras coisas (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023, grifo nosso).*

Para além disso, na fala do educador Beg uma escola com identidade do campo é aquela que se preocupa não apenas com o desenvolvimento dos conteúdos educativos, mas também, com a realidade social e as necessidades dos educandos e da comunidade. No

âmbito dessa interpretação, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das escolas do campo, em seu parágrafo único define que

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (Brasil, 2002, Art. 2).

Dessa forma, a Educação do Campo perpassa a partir das questões relacionadas à educação, mas também, compreende e estão vinculadas às práticas sociais dos sujeitos que a compõem. À vista disso, com relação a atuação no contexto escolar do campo, os educadores reiteram que *“o município hoje não diferencia a EPJAI do campo para a urbana, **mas eu trabalho na perspectiva dos estudantes do campo. Tem um plano de curso lá que é surreal, mas que não tem nada a ver com a realidade em que a escola está inserida, o que dificulta nossa atuação**”* (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023, grifo nosso). Bem como, o educador Beg diz que:

Eu gosto muito da escola do campo, quanto da educação de jovens e adultos, porque as duas é uma educação direcionada, o pessoal a maioria trabalham, eles vem aqui pra tentar aproveitar aquele tempo, aplicar alguma coisa no dia a dia deles, então a escola do campo e a EPJAI, tem que abordar assuntos que sejam contextualizados para que o estudante possa ver na prática como ele vai usar pra vida dele (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023).

Nas falas dos educadores, observa-se a preocupação de sempre estarem trabalhando e abordando os conteúdos educativos propostos na matriz curricular da disciplina, entrelaçados as necessidades e perspectivas dos educandos, pois eles, muitas vezes, vão à escola no intuito de verem como ela pode contribuir para com a sua vivência e a sua realidade diária. A partir dessa perspectiva dos educadores, buscou-se compreender como eles viam o processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

*Com relação a aprendizagem é bastante defasado, porque eles não conseguem relacionar os conhecimentos empíricos que eles aprenderam na vida inteira aos conhecimentos da escola. Então, **o papel do professor é fazer essa relação, que é um grande desafio**, relacionar toda a experiência que ele traz de vida com os conteúdos das disciplinas (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023, grifo nosso).*

Em sua fala, Beto apresenta como um dos desafios na sua prática pedagógica para com o ensino e aprendizagem dos educandos no contexto da Educação do campo, a articulação dos conteúdos científicos com os saberes advindos do dia a dia deles. Isso vem ao encontro do que Molina e Sá (2012, p. 331) enfatizam, no qual, consideram que este seja um dos maiores desafios da escola do campo *“[...] articular os conhecimentos que os educandos têm o direito de acessar, a partir do trabalho com a realidade, da religação entre educação, cultura e os conhecimentos científicos a serem aprendidos em cada ciclo da vida e de*

diferentes áreas do conhecimento”. Mas, com vistas a isso, configura-se, ainda segundo as autoras, como uma das maiores possibilidades, uma vez que essa relação contribui com a construção da autonomia e criticidade dos educandos. Além disso, o educador Pull, enfatiza que:

Tem o fator tempo deles, expectativa e realidade. Qual a expectativa dele, da escola aqui, dos nossos estudantes, é ocupar o tempo a noite com alguma coisa produtiva. Qual a realidade, eles vão ocupar esse tempo, porém quando chegam aqui se deparam com situação que vai exigir dedicação para o aprendizado. Quando eles saem de casa para estudar aqui, pensam que só esse tempo vai ser satisfatório para eles. Eu acredito que em algum momento esse processo de ensino e aprendizagem para o estudante do campo seja ajustado, porque, realmente, como ele não tem tempo de dedicar os estudos durante o dia, essas três horas que ele passa aqui na escola passe a ser efetivamente de aprendizagem, para que ele não tenha o desafio de ter que estudar mais horas em casa, por falta de tempo. Tem alguns que se esforçam mais e se dedicam, mas tem outros que não tem condições, por conta de suas demandas diárias (Pull, Entrevista, 13 nov. 2023).

Isso vem ao encontro das principais dificuldades encontradas pelos educadores com relação a Educação do Campo, visto que muitos desses educandos trabalham durante o dia, possuem suas demandas e não conseguem se dedicar a escola. Uma das possibilidades que o educador Pull apresenta para sanar essa adversidade, é ajustar os horários das aulas pensando no contexto de desenvolvimento dos conteúdos educativos e da prática dos educandos ainda em sala de aula. Além disso, o educador Beto, apresenta, também, “a dificuldade de acesso, porque as pessoas acordam muito cedo, trabalham o dia inteiro e chegam em casa a tardezinha quase na hora de ir para escola, tomam um banho correndo, muitas vezes percorrem uma distância longa e as estradas não são muito boas” (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023), que vai ao encontro do que Beg diz.

As maiores dificuldades que eu vejo hoje em dia pra mim é a falta de incentivo para esse povo que tem muita dificuldade. Um exemplo, é no transporte e na estrada, a maioria moram distantes e as estradas não são asfaltadas, então muitos aqui na época da chuva, não conseguem vir para escola, ficam sem a aprendizagem. Falta políticas públicas que favoreçam o ser humano, o aluno, pois as estradas deveriam ser todas cascalhadas para eles não perderem as aulas, porque todo ano é a mesma coisa (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023).

Além das dificuldades de aprendizagem dos educandos por não conseguirem se dedicar aos estudos em casa, por falta de tempo devido às demandas diárias com seus trabalhos, há também, a questão das estradas que dificultam o acesso à escola e muitas vezes, eles não conseguem acompanhar as aulas, como apresentado pelos educadores. Por conta disso, eles perdem os conteúdos educativos, o que afeta mais ainda a questão do processo de ensino e aprendizagem. Batman, ainda, acrescenta que uma das dificuldades para ele enquanto educador, é “conhecer o costume da região deles, se inteirar dos estudantes, como eles se comportam em sala de aula, isso demanda um tempo” (Batman, Entrevista, 15 nov.

2023). Pois quando o educador não é daquela região, precisa de um tempo para conhecer as particularidades e especificidades para contribuir com o processo de ensino e aprendizagem que faça sentido para os educandos.

Nessa direção, os educadores apresentaram as características e o perfil das turmas da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas que eles lecionam no contexto do campo. Para isso, selecionamos as falas de Beto e Batman que expressam as particularidades dos educandos da EPJAI das escolas do campo.

*A maioria das vezes as pessoas trabalham durante o dia, chegam cansadas em casa, tomam banho, comem uma besteirinha e vão para a escola e já chegam com o cérebro meio cansado, né? Em casa eles não têm tempo para estudar, também, então, **a gente vai se moldando aos alunos que a gente tem** (Batman, Entrevista, 15 nov. 2023, grifo nosso).*

Ela é mesclada, tem pessoas mais jovens e tem pessoas idosas, mas a maioria são jovens. Agora eles são bem calados, é difícil ouvir a voz dos estudantes do noturno, para ter uma participação, é preciso sentar com eles, estimular, dar dicas, começar as palavras para eles terminarem (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023).

As falas do educador Batman expressam, que uma das dificuldades enfrentadas pelos educandos da EPJAI, é a conciliação de seus trabalhos com o âmbito escolar, pois eles não possuem tempo de se dedicarem aos estudos em casa e quando chegam à instituição de ensino, estão cansados fisicamente e mentalmente, o que prejudica a aprendizagem dos mesmos. Batman ressalta que umas das alternativas é moldar o ensino ao perfil dos educandos que eles têm, como forma de contribuir com a aquisição de conhecimentos. Além disso, Beto enfatiza que os educandos da EPJAI são quietos e dificilmente participam das aulas de forma direta, sendo necessário que o educador desenvolva possibilidades para incentivar a inserção deles em seu processo de ensino e aprendizagem. Ademais, o educador Beto, também, reitera que:

Um dos problemas mais graves que nós enfrentamos hoje na EPJAI, principalmente na rede municipal de Vitória da Conquista onde eu trabalho, é a evasão e a matrícula. E eu não culpo os estudantes e nem culpa dos professores, mas culpa o sistema em si que não tem um olhar para essa modalidade. Porque o pessoal do noturno desiste tanto? Por que o pessoal do campo desiste tanto? Porque pra eles é muito mais difícil, até a merenda escolar é um fator que atrapalha muito, porque eles são trabalhadores braçais que viajam até chegar à escola, então qualquer coisa pra eles é motivo pra abrirem mão da escola, porque eles já passaram a vida inteira sem estudar e a maioria quando retornam a escola, voltam com o sonho de aprenderem a ler (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023).

Dessa forma, observa-se que muitos educandos da EPJAI do campo realizam a matrícula, frequentam a escola por um período, mas logo desistem. Para o educador Beto, esse índice de evasão e desistência deriva da falta de sintonia entre a instituição e o educando, ou seja, falta um olhar para as modalidades. Em vista disso, a unidade escolar deve levar em

consideração o papel dos educandos naquele espaço, proporcionando-lhes um momento favorecedor que atenda suas expectativas.

Nesta direção, quando interrogados se eles conseguiam perceber diferença entre as turmas da EPJAI com as ditas regulares, o educador Beg afirma:

Tem sim, muito, os estudantes da EPJAI a maioria trabalham durante o dia, eles chegam cansados, por exemplo, nas outras turmas eu passo atividade para casa e posso cobrar porque eu sei que eles conseguem fazer, pela lógica eles têm tempo, na EPJAI quando passa alguma atividade, eles tem que fazer na sala e o professor tem que acompanhar ele, ajudar ele, porque se ele não fizer ali na sala, em casa ele não faz, muitos são mulheres, esposas e maridos que chegam em casa tem que cuidar de filhos, preparar comida para no outro dia ir trabalhar, infelizmente, é totalmente diferente (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023).

Na voz do educador, percebe-se que os educandos da EPJAI buscam integrar seus conhecimentos, apenas, durante as aulas na instituição, pois durante o dia, eles não têm tempo de se dedicarem a estudar os conteúdos propostos. O educador Beg salienta que quando ele passa alguma atividade nessas turmas, é necessário acompanhar e ajudar os educandos em sala de aula, haja vista que se passarem como lição de casa, eles não irão fazer devido a seus afazeres diários, o que é diferente nas turmas ditas regulares. Outra característica apresentada pelo educador Beto é que:

As pessoas da EPJAI já chegam desmotivadas, com preconceito, que ainda não aprenderam a ler, e as pessoas já chegam fragilizadas tem vergonha de serem discriminadas porque estão na escola fora da idade, muitos não voltam por conta disso (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023).

Consoante a isso, os educandos da EPJAI, são sujeitos que carregam consigo uma experiência social de vida, e muitos durante esse percurso já passaram por situações de desrespeito pela sociedade por não saberem ler e escrever. Quando decidem voltar para a escola, sentem-se envergonhados por estarem frequentando as aulas já na fase adulta, como pontuado pelo educador Beto. No entanto, a EPJAI cada vez mais vem sendo reconhecida na lei como direito de todos, sendo um momento de voltar a escola e “quebrar” esse tabu de exclusão, devendo essa ser um espaço que possibilite a ressocialização, considerando seus sujeitos que almejam uma formação, como apontado em uma experiência vivenciada pelo educador Beg.

*Eu tenho prazer em dar aula! Por exemplo, tinha uma mulher, lá de cinquenta e dois anos, foi a minha primeira aluna da EPJAI e aí ela me falou que o sonho dela era terminar o ensino médio pra fazer faculdade, queria ser advogada. Aquilo ali pra mim foi um incentivo pra eu dar aula de uma forma melhor, porque tinha uma pessoa ali interessada, almejando uma profissão, vi o brilho nos olhos dela. Aí professor vai pra EPJAI, ver que os estudantes têm muita dificuldade. Ah, mas o povo não tem tempo para estudar, ou não estudou ou só está trabalhando. Você tem que adequar o seu conteúdo para esse público. **Eu amo dar aula pra EPJAI, aqui na escola do campo é bom demais**, é outro nível (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023, grifo nosso).*

Em sua fala, constata-se a modalidade da EPJAI como um meio promotor para a realização de sonhos, sendo esses a partir da aquisição de conhecimentos advindos do contexto escolar. Com base nisso, o educador torna-se um mediador que possibilita a concretização dos anseios e expectativas dos educandos, intermediados pela escuta e o diálogo. Para tanto, ressalta-se que a educação não deve ser tratada como uma obrigação, mas sim como um ato de amor (Freire, 2014) para que se promova transformações na vida dos sujeitos, como ressaltado pelo educador Beg, que ama dar aula para EPJAI do campo, e para ele, saber que tinha uma estudante com o sonho de ser advogada, foi um incentivo de ser melhor em sala de aula. O educador Beto, também, reitera que:

Na EPJAI do campo é o lugar onde eu me encontro, que eu falo, aqui eu não me canso, eu chego cansado eles não tem nada a ver com com a minha carga horária que é bastante extensa, mas eu sempre deixei muito claro que quem fez essa escolha de trabalhar fazendo as sessenta horas semanais fui eu e eles não têm que serem responsáveis por isso eu tenho que chegar lá à noite como se estivesse começando o meu dia, esse é o meu acordo com eles. Eu chego assim e vocês reajam assim, também (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023, grifo nosso).

Obstante a isso, a partir da fala do educador Beto, percebe-se a sua satisfação em trabalhar com a EPJAI do campo, bem como, a sua ligação com o ambiente de trabalho, pois para ele, esse é o lugar onde se encontra, isso reflete não apenas o espaço físico, mas a relação intrínseca com os sujeitos que a compõem.

Observamos nessa subseção de análise, a partir das vozes dos educadores, que as mesmas versam sobre o contexto de atuação profissional do campo, a realidade da qual essas escolas estão inseridas, bem como, os sujeitos que as compõem. Essas perpassam questões que dialogam com a Educação do Campo, a EPJAI, o processo de ensino e aprendizagem, as práticas pedagógicas e as dificuldades dos educadores e educandos que vivenciam diariamente o contexto de atuação profissional e estudantil, respectivamente. A partir dessas questões, continuaremos nossas discussões tematizando o ensino de matemática no contexto de escolas do campo, com um olhar para a unidade temática de Grandezas e Medidas.

3.3 A Matemática Presente no Campo: um olhar com as Grandezas e Medidas

Nessa subseção, em diálogo com as vozes dos educadores, buscamos compreender a relação entre a matemática desenvolvida em sala de aula e o contexto do campo, destacando, particularmente, a unidade temática de Grandezas e Medidas. Para iniciar, questionamos se os educadores conseguiam identificar interface entre a Educação do Campo e a Educação Matemática.

Com certeza, o que eu tenho observado, levando em consideração pra mim enquanto professor, é a realidade de uma matemática que atende aos anseios deles. Eu procuro entender essa realidade e focar em assuntos que levem o entendimento

*dos jovens de uma maneira ampla, que ele possa resolver vários problemas do seu dia a dia. Como a ideia do campo, eu acho interessante ter esse foco em assuntos que tragam para ele a realidade que ele vive, **porque olhando essa realidade e a matemática, elas estão diretamente relacionadas** (Pull, Entrevista, 13 nov. 2023, grifo nosso).*

*Eu tenho mania de falar que a matemática está em tudo. Não tem como não pensar a matemática nos espaços, pode ser no campo, na cidade, ela está presente. A matemática não tem pra onde correr, no mínimo, você tem que raciocinar para saber por qual porta você entra, qual o horário que você pega o carro, tudo isso é matemática. **Eu vivo aqui no campo e vejo a matemática presente em todo momento, pra tirar um leite, pra vender uma terra, pra tudo, pra mim tem essa interface** (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023, grifo nosso).*

As falas dos educadores, Pull e Beg, direcionam para alguns aspectos que, segundo eles, caracterizam a interface entre a Educação do Campo e a Educação Matemática. Dentre essas, destaca-se a realidade vivenciada diariamente pelos camponeses em suas atividades, enfocando problemas matemáticos que contribuam com o cotidiano e os anseios dos educandos. Beg, ainda, aponta a sua experiência pessoal, uma vez que reside na comunidade onde a escola está inserida, apresentando, possíveis atividades que têm relação com a matemática em seu desenvolvimento. Dessa forma, para esses educadores, a matemática está presente na vida, especialmente, no contexto do campo, nas atividades realizadas pelos camponeses, nas suas práticas culturais e no seu modo de conviver, expressando uma relação entre a Educação Matemática e a Educação do Campo.

Nessa direção, no que tange o desenvolvimento do ensino de matemática nas turmas da EPJAI no contexto de escolas do campo, todos os educadores enfatizaram que para abordagem dos conteúdos matemáticos, levam em conta a vivência e os anseios que os educandos expressam em sala de aula, como afirma o educador Pull: “*Eu procuro levar em consideração a vivência que eles demonstram para mim nos primeiros contatos de sala de aula. Porque cada grupo vem com uma bagagem diferente*” (Pull, Entrevista, 13 nov. 2023) e Beto que diz:

Gosto de valorizar as vivências deles e incentivar, sempre que algum falta, eu pergunto depois, olha você faltou ontem, o que aconteceu, senti saudades, você fez muita falta, isso é uma forma de fazer eles se sentirem importantes. Os estudantes da EPJAI levam sonhos e a gente precisa explorar, instigar para que eles possam dizer, tentar transformar o ensino de matemática o mais prazeroso e o mais útil possível. Eu sempre pergunto para eles quais são os seus sonhos, as profissões e a partir disso busco relacionar com os conteúdos matemáticos, no intuito de desenvolver o ensino voltado para as necessidades dos estudantes (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023).

Ao se observar a fala dos educadores, as mesmas refletem uma prática pedagógica centrada no educando, destacando a importância de valorizar as experiências pessoais de cada um. Para abordagem dos conteúdos matemáticos, Beto menciona que busca relacionar os

sonhos e as profissões para o desenvolvimento dos mesmos, o que contribui para com o processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, mantém um diálogo com a turma no intuito de compreender os seus saberes, para que a partir disso, possa discutir com eles, relacionando-os com o ensino dos conteúdos matemáticos, respeitando as classes populares (Freire, 2021). Beto, ainda, reitera como se dá esse diálogo:

A aula de matemática é bastante valorizada pelos adultos, eles gostam muito de matemática. Então, na minha prática eu tento valorizar a profissão, as necessidades de cada um, e a partir disso eu tiro os conteúdos. O que eu faço? O que eu preciso pra melhorar a minha vida? Como a escola pode contribuir para melhorar a vida dele enquanto trabalhador. O que você quer trabalhar? Por exemplo, panhar café, então vamos lá, quantas latas de café vira uma saca de café e aí vamos tentar fazer essas relações, no intuito da escola ajudar, também, na profissão (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023).

Essa descrição do educador Beto, nos dá indícios de que ele conhece a atividade produtiva desenvolvida pelos educandos na comunidade em que a escola está inserida, que é a “panha”⁹ de café, apresentando como a mesma pode ser relacionada com o desenvolvimentos dos conteúdos matemáticos. Para tanto, observa-se algumas perguntas realizadas no intuito de buscar compreender a especificidade de cada um, pois ao se entrar em sala de aula o educador precisa estar aberto, também, às indagações dos educandos, sendo um ser crítico (Freire, 2021). Beg, também, nos diz que:

Como os meninos têm mais dificuldade e eles são muito mais carentes em relação ao conteúdo e ao tempo, eu falo, não vai dar tempo eu construir a casa, mas eu vou fazer um alicerce bem feito, lá na frente quem quiser continuar, tendo um alicerce bem feito, consegue subir as paredes, colocar as telhas e fechar sua casa, então, eu procuro desenvolver os conteúdos que ele pode aplicar no dia a dia, no momento do seu trabalho, na hora que ele for fazer um empréstimo, entre outros. Eu acredito que você tem que se adequar com o seu aluno, pra tentar aproveitar o máximo possível do seu tempo pra que ele possa usufruir melhor da vida com aquilo que você está passando (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023).

Em sua sala, Beg expressa a necessidade de criar possibilidades para a produção e/ou a construção de conhecimentos, pois ensinar não se trata de transferir conteúdos (Freire, 2021). Para tanto, em sua fala, ele apresenta uma metáfora do bom alicerce de uma casa para representar a base sólida do conhecimento como um processo fundamental para o aprendizado e as futuras práticas, bem como, ele, também, reflete sobre a necessidade de direcionar as suas aulas de tal modo que atende às necessidades específicas dos educandos. As falas desses educadores nos levam a refletir sobre os seus critérios de seleção dos conteúdos matemáticos, sendo estes voltados para a vivência, modos de vida, trabalho, sonhos e práticas sociais dos educandos. Pensando nisso, questionamos a eles a respeito de

⁹ A expressão “panha” apresentada pelo educador se refere à colheita de café.

seus conhecimentos sobre a realidade da comunidade camponesa em que a escola está inserida, quais são as atividades que os educandos desenvolvem e produzem.

Os estudantes da EPJAI do campo que eu trabalho são pedreiros, panhadores de café, pessoas que trabalham no supermercado, muitas pessoas que trabalham com biscoito, domésticas, lavradores, pessoas da construção e as mulheres, a maioria são diaristas, elas trabalham como faxineiras (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023).

Tem algumas fábricas por aqui, que faz processamento de aves, abate, limpa e serve Conquista e região. E tem outras fazendinhas que tem um nível de produção já bem satisfatório, que emprega muita gente aqui, em vários segmentos, tratoristas, pessoal de limpeza, de plantio, criação de animais, fazer manejo. Tem um centro industrial aqui também. Outros trabalham na propriedade familiar como tratorista, transportador, tem uma menina que é vaqueira, gosta de vaquejada, outra que é motorista de transporte de alunos, tem cozinheira, vigilante (Pull, Entrevista, 13 nov. 2023).

Geralmente quando eles não trabalham em fábricas aqui em Conquista, no comércio, eu vejo muito eles trabalhando em questão de roça. E o pai e a mãe têm a roça, eles trabalham na questão do plantio de frutas, verduras, na panha de café e limpeza de terreno (Batman, Entrevista, 15 nov. 2023).

Observa-se, que as falas dos três educadores se direcionam para atividades voltadas a área rural, sendo essa, uma característica específica da maioria dos educandos e das comunidades camponesas na qual as escolas do campo estão inseridas. Não obstante, Beg, também, reitera que os educandos são:

Muito carentes, tem alunos que dormem em colchão no chão, não tem cama pra dormir, não tem uma boa alimentação, eu vivo aqui e sei, a gente vê a dificuldade deles, a falta de apoio. A gente aqui na escola faz o possível quando vemos algum aluno que esteja passando por alguma necessidade. E isso acaba influenciando também na aprendizagem, pois se o aluno não alimenta direito, não dorme direito, como é que vai aprender? Ai depois fala ah a culpa é do aluno, como que é do aluno? Tem todo um contexto. Já com relação às atividades que eles desenvolvem, vários são voltados mesmo pro campo, é uma horta, uma plantação de uma mandioca, maracujá, criam um peixe, então são coisas que a gente está acostumado a ver no campo (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023).

Dessa forma, o educador Beg, apresenta, ainda, a questão financeira, pois muitos dos educandos daquela região passam por necessidades que influenciam, também, em seu processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, destaca-se a ausência de políticas públicas que contribuam com a instabilidade das famílias camponesas carentes. Com relação às atividades que os educandos desenvolvem, também, são em sua maioria voltadas para a área rural. Dessa forma, nos propomos a discutir em diálogo com Freire (2021, p 32) “porque não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais dos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”. Por conseguinte, questionamos aos educadores se eles já utilizaram os saberes cotidianos e as vivências dos educandos do campo para o ensino de matemática, em específico, com relação aos conteúdos da unidade temática de Grandezas e Medidas.

Essa ideia de grandezas e Medidas a gente contextualizou no cordel que contou uma história real, uma experiência diária, cotidiana da realidade. Tem uma ideia que eu gosto muito, também, que é a resolução do problema como ponto de partida das aulas, que é problematizar, sair de um problema real até chegar no conteúdo e na EPJAI eu tenho tentado levar essa proposta. Eu tento trabalhar, também, com o que os estudante utilizam, o que é importante para eles, pergunto a profissão e baseado nisso a gente vai tirando os conteúdos, por exemplo, tem pessoas que trabalham na construção civil, são pedreiros, eles vão precisar de medidas. Então um dos nossos conteúdos vai ser unidade de medidas, voltadas, principalmente, para perímetros, pra área, para volume, que é o que eles vão utilizar na vida deles. Eu acabo sempre criando um plano de curso a partir das necessidades. Qual o sonho de aprendizagem? (Beto, 2023).

Essa aí que é interessante, porque é o que eles vivenciam com muita intensidade no dia a dia deles, é o que está palpável para eles, não é relativo, é uma coisa real mesmo. Tem muitos jovens aqui que têm o propósito de ter o seu terreno, isso é o sonho deles, cada dez, dez querem ter um terreno, construir a casa deles. Eles têm uma relação financeira com isso, que ultrapassa até o nível de conhecimento mínimo matemático que eles têm e eles não percebem isso. Conseguem planejar a compra deste terreno à vista ou parcelado, fazer a fundação do dinheiro que ele ganha, do dinheiro que ele precisa guardar, do dinheiro que ele precisa investir para atender aquela necessidade dele. Ou seja, ele consegue planejar a construção da sua casinha, do espaço que ele quer, o tamanho da sala que ele quer, do tamanho do banheiro que ele quer, se vai colocar andares, se vai ter um quintal, pequeno ou grande para criar suas galinhas, ou plantar alguma coisa, uma horta. Aí ele consegue fazer esse planejamento financeiro todo, executar esse projeto. Então, é trazer essa realidade para sala de aula, com propostas de conteúdos que trabalhem essa realidade (Pull, Entrevista, 13 nov. 2023).

Sim, por exemplo, estou agora com geometria plana em que trabalho com o cálculo de áreas de terreno. Qual a área do terreno da casa do seu pai? Aí eu vou trabalhando essa parte. Isso aqui vai ficar para a sua irmã. Quantas partes vão ficar pra sua prima? Quantas vão ficar pra você? Assim, eles vão tendo mais ou menos umas ideias. É, construção de gráfico, produção de verdura e de alimento, para eles associarem com a matemática, que estão relacionadas às Grandezas e Medidas (Batman, Entrevista, 15 nov. 2023).

Sim, sempre, é como eu falei, se você procura pegar como exemplo deles e dá uma aula, eles fazem com satisfação, eles falam, nossa aquele exemplo ali é dessa maneira ou então pode fazer assim, mas eu vou fazer dessa forma agora que é melhor. Então o que acontece? Ele vê um objetivo na sala de aula, eles falam, eu vou assistir essa aula, porque eu sei que lá eu posso aproveitar alguma coisa. Se eu estou na escola do campo, especificamente, em uma turma da EPJAI, eu tenho que mudar o meu jeito de dar aula, eu tenho que aproveitar aquele tempo o máximo possível para que o aluno tire alguma coisa e aproveite pra vida dele (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023).

É notório nas falas dos quatro educadores, que eles trabalham os conteúdos da unidade temática de Grandezas e Medidas articulados à realidade dos educandos, bem como, apresentam as possibilidades de utilizar os saberes cotidianos e as vivências para o ensino de matemática. Nota-se que os educadores respeitam a identidade cultural e a dimensão individual do qual os educandos fazem parte. Em diálogo com Freire (2021), esse respeito é de fundamental importância na prática pedagógica e não pode ser desprezado, pois é a explicação que faz parte da compreensão da própria presença nesse mundo. Consoante a isso,

buscamos compreender, ainda, quais são os conteúdos da unidade temática de Grandezas e Medidas que os educadores já trabalharam. Para isso, apresentamos as falas de Beto e Beg.

A gente trabalhou com unidades de medidas, conversão da unidade de medidas, e medidas de área, medidas de comprimento, medidas de volume, medidas de capacidade, trabalhamos com as medidas formais e as não formais. Esses cordéis tratavam de medidas, então a gente sempre está trabalhando tentando fazer essa conversão das unidades que eles utilizam diariamente pras unidades do Sistema internacional. A gente sempre tenta relacionar as unidades que eles utilizam no dia a dia para o sistema internacional de unidade de medidas (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023).

Hoje mesmo, o pessoal vai fazer horta aqui para saber a quantidade de volume, quanto que ele vai colocar de areia como é que é um volume de areia é em uma horta, quanto de areia que eu tenho que colocar, a areia de uma horta normal a terra seria em forma de um paralelepípedo de largura, comprimento e altura, que eu tenho que explicar isso na sala e depois botar em prática, não é só explicar o conteúdo é você ir pra prática (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023).

Como se pode observar nas falas dos educadores, há uma intersecção entre os conteúdos da unidade temática de Grandezas e Medidas problematizados ao contexto do campo em que os educandos estão inseridos. Como exemplo, eles destacam a conversão de unidades de medidas, o trabalho com área, comprimento, largura, altura, volume, capacidade, entre outros que podem ser contextualizados. A partir disso, interrogamos como os educandos se comportam quando há essa relação do dia a dia deles com os conteúdos matemáticos. O educador Beg, enfatiza que, “eles ficam muito estagnados, não sabia que aquilo que ele fazia era aquele conteúdo que eu estava dando aula, então quer dizer que aquilo ali não é em vão, eles ficam maravilhados” (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023). Nesse momento da entrevista, foi possível perceber o quão o educador Beg se sentiu feliz ao expressar tal relação, o que nos fez lembrar de Freire (2021, p. 70) no qual diz que “a esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos, é a nossa alegria”. No entanto, o educador Beto enfatiza em sua fala que:

Eles tem vergonha de errar, o adulto tem muita vergonha de errar. Então a gente tem que deixar claro, fazer um trabalho que o erro ali está para ajudar e a gente aprende mais com ele do que, muitas vezes, com os acertos porque quando a gente erra a gente sabe como não fazer, sabe? E a gente tem que trabalhar bastante com essa proposta do erro. Principalmente essa conscientização, de que errar não tem problema. De que errar não é errado. Que é errando que se aprende. E quando você erra você conserta o seu erro você trabalha essa questão de como faz certo e de como não fazer o errado também (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023).

Dessa forma, nota-se que mesmo contextualizando os conteúdos matemáticos a realidade dos educandos da EPJAI, eles muitas vezes, não tem uma participação ativa nas aulas, pois tem medo de falar algo e estiver errado. Obstante a isso, o educador Beto propõe minimizar esse problema, enfatizando e criando maneiras de mostrar que por intermédio do erro podemos aprender mais, e que “errar não é errado”, como ele destaca. Durante as

entrevistas, também, buscou-se compreender se a escola do campo que os educadores atuam já desenvolveu ou desenvolve projetos que estão relacionados com os saberes advindos do cotidiano dos educandos que estão inseridos naquele ambiente.

Projeto voltado para aquela região não, a gente tem, por exemplo, no São João. Aí acontece o projeto São João, aí vai fazer os cartazes, vai organizar a escola, mas voltada para a festividade, para a comunidade não. Lá os projetos são mais na questão das datas. Tem o projeto da Consciência Negra, da importunação sexual, agora para a comunidade em si, não (Batman, Entrevista, 15 nov. 2023).

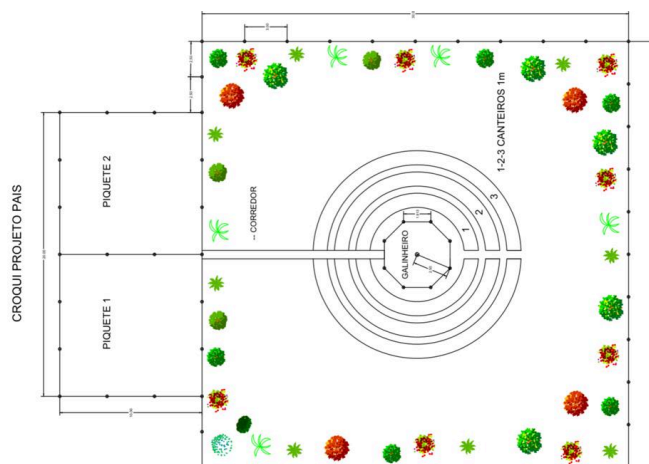
Na fala do educador Batman, observa-se que mesmo a escola sendo do campo, ela não tem uma proposta de trabalho que se relacione com a vivência dos educandos daquela localidade. Os demais educadores, enfatizam que, frequentemente, as instituições buscam parcerias e desenvolvem projetos relacionados aos saberes advindos da comunidade camponesa.

A escola é bem aberta para parcerias, ela tem convidado bastante pessoas de fora. E matemática como sou eu e como eu tenho contato com vários alunos da universidade, eu estou sempre convidando pessoas para me ajudarem também a sair da zona de conforto e está trabalhando de maneira contextualizada (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023, grifo nosso).

*Sempre, sempre! Por exemplo, agora é o projeto que a gente falou da construção da mandala, que é o atual que estamos desenvolvendo. Eles vão construir, cercar com tela, com quadrado, construir um galinheiro coberto no meio com a saída por dentro de um corredorzinho de tela para um pasto, onde a galinha pode comer grama, e ao redor do galinheiro por dentro da tela, tem a horta. A mandala é a construção da horta em formato circular com um galinheiro no meio, abastecido com água e tudo mais, em que os próprios alunos vão estar usufruindo, como aqui na escola do campo nós temos almoço, então essas hortaliças vão servir pra eles. Como pode produzir muita hortaliça, a depender da quantidade de horta que a gente for fazer ali, então além de abastecer a escola, ela serve também para abastecer até o próprio campo, aí vão pra essas famílias, principalmente dos alunos aqui que são carentes, que talvez não tenham uma horta em casa, eles podem utilizar aqui pra poder abastecer. Ao redor disso, nós vamos estar plantando árvores frutíferas, pé de manga, pé de jaca, entre outras. Porque além de formar uma sombra, refrescar mais o calor, tem também as frutas que podem ser utilizadas para poder fazer suco, para eles levarem pra casa, na época de cada uma. **Os meninos se envolvem muito, eles gostam de trabalhos práticos, de ver acontecer** (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023, grifo nosso).*

É perceptível na fala do educador Beg, o quão o projeto da construção de uma mandala se relaciona com os saberes advindos das vivências dos educandos daquela comunidade. A Figura 4, disponibilizada pelo educador, apresenta a planta do projeto.

Figura 4: Projeto - Construção de uma Mandala



Fonte: Colégio Estadual do Campo de José Gonçalves

Na imagem, podemos observar as características presentes em que o educador pontuou que será feito na execução do projeto, sendo a mandala no meio no qual será um galinheiro, as hortas que serão feitas aos arredores, a plantação de árvores frutíferas e o corredor para as galinhas irem para o pasto. Durante a entrevista, o educador mostrou como o mesmo estava sendo desenvolvido. A Figura 5 apresenta o atual momento que se encontra o desenvolvimento desse projeto na escola.

Figura 5: Construção de uma Mandala



Fonte: Colégio Estadual do Campo de José Gonçalves

Por intermédio do diário de campo, observou-se que a partir desse projeto os educadores dessa escola poderão desenvolver suas aulas na prática. Como por exemplo, na disciplina de matemática quando eles forem trabalhar com o cálculo de áreas, com volumes, entre outros conteúdos. Em biologia, com a produção orgânica e o desenvolvimento do

ecossistema, bem como, outras disciplinas, como destacado pelo educador Pull, que o projeto possibilitará uma interdisciplinaridade.

Vai ter uma interdisciplinaridade esperada entre química, biologia, matemática e física. No início matemática e física está entrando direto na construção a implantação do projeto, química e biologia devem entrar depois com o desenvolvimento do ecossistema que vai existir naquele meio, então acredito que vai ter muitas oportunidades para os professores explorarem conceitos básicos com o projeto (Pull, Entrevista, 13 nov. 2023).

Dessa forma, observa-se na prática como os educadores Beg e Pull, a partir do desenvolvimento do projeto em conjunto com toda escola, estão trabalhando na prática com a matemática e a realidade dos educandos, como eles foram pontuando durante as entrevistas. Além deles, foi possível perceber que mais educadores estão empenhados para a concretização da proposta e que estão e vão utilizar para, também, desenvolver e contextualizar as suas aulas. À vista disso, ressalta-se a importância da construção deste cenário que favorece a investigação e o envolvimento dos educandos, pois como enfatizado pelos educadores, as turmas estão diretamente inseridas, bem como, alguns moradores da comunidade camponesa. Ou seja, toda comunidade escolar está contribuindo para com o desenvolvimento e finalização do projeto, observando um cenário escolar de respeito à autonomia e a identidade dos educandos, com uma prática coerente com os seus saberes (Freire, 2021). Beg, ainda, reitera que a escola tem um outro projeto de continuação.

Nós temos um outro projeto que é para a captação de água utilizando o telhado da escola para a água cair na própria caixa para poder aproveitar água na chuva. Isso vai servir para molhar as hortaliças (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023).

Em ambos os projetos, foi possível perceber que em todo o seu desenvolvimento e implantação, estes possuem relação, também, com a unidade temática de Grandezas e Medidas, podendo ser trabalhados com esses conteúdos na prática, destacando a realidade e a vivência desses educandos e da comunidade campesina onde a escola está inserida. Além de destacar uma articulação entre os conteúdos educativos e os conhecimentos advindos da vivência desses educandos, destaca-se, também, propostas de melhorias para as famílias dessa região, instigando-as a agricultura como fonte de renda própria.

Nesta direção, também, questionamos aos educadores, como eles acreditavam que os conteúdos de Grandezas e Medidas poderiam ser relacionados com o cotidiano dos estudantes da EPJAI da escola do campo. Para isso, selecionamos as falas dos educadores Beto e Beg.

A proposta de trabalhar com o cordel que conta uma realidade social, que traz um problema da vida, eu acho que é um grande ponto de partida, eu acho que é bastante válido, esse trabalho é bastante importante. Uma coisa que eu gostei muito de trabalhar lá e eu também coloquei grandeza e medida dentro, foi a cesta básica que a gente falou sobre o medidas de compra no quilo, no litro, medidas de volume e medidas de capacidade. Eu tentei fazer um trabalho com relação a cestas

básicas para trabalhar as operações básicas e já essa conversão, que é uma coisa que está bastante relacionada ao dia a dia. E tudo tem uma medida no nosso cotidiano, é legal essa relação (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023).

Eles podem ser trabalhados a princípio, contextualizando o dia a dia de cada um. Se você vai mexer com geometria plana, com área, você pode pegar ali na própria sala ver a cerâmica ali e mostrar como é que a pessoa teria que fazer pra descobrir quantos cerâmicas ele pode fazer pra poder colocar o piso em um determinado quarto, na casa, eu acho que todos os conteúdos têm que ser trabalhados na EPJAI contextualizando para que o aluno entenda onde é que ele aplica aquilo ali, a questão de medir uma terra, também, como a escola está inserida no campo, pode ir até um terreno pra ver na prática como é. Então, vamos aproveitar a vida deles ali, colocar mais prática pra que ele entenda melhor (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023, grifo nosso).

Nas falas dos educadores, eles apresentam propostas pertinentes, não somente para o contexto do campo, mas também para escolas situadas nas áreas urbanas, pois estas podem ser adaptadas de acordo com o ambiente no qual estão inseridas. Como exemplificou os educadores a respeito de se trabalhar com o cordel, cesta básica e o cálculo de área, essas são propostas que podem ser contextualizadas e incrementadas em nossas práticas pedagógicas, como forma de contribuir com o processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

Nessa subseção, foi possível perceber como os educadores trabalham com a unidade temática de Grandezas e Medidas nas turmas da EPJAI do campo, sendo por intermédio de projetos e parcerias que visam incorporar a contextualização e a realidade dos educandos. Além disso, fundamentam suas aulas, partindo dos seus anseios, sonhos, expectativas, realidade social e modos de vida, bem como, com a utilização de metodologias diferenciadas, como a Resolução de Problemas e a Literatura de Cordel como material didático complementar.

3.4 (DES)Caminhos: EC e EPJAI

Nessa subseção, apresentamos a nossa última categoria de análise, a partir das vozes dos educadores durante as entrevistas. Para tanto, refletimos a respeito dos caminhos e descaminhos da Educação do Campo e da EPJAI, ou seja, dialogamos com as percepções dos quatro educadores sobre as dificuldades que eles enfrentam ou já enfrentaram, o que acreditam que poderia ser feito para melhorar o ensino e aprendizagem dos educandos da EPJAI no campo e questões que gostariam de falar ou complementar na entrevista. Para isso, indagamos a eles a respeito das maiores dificuldades que já enfrentaram ou enfrentam. Destacamos as falas de Beg e Beto no qual dizem que:

Infelizmente, se você rodar aqui a Bahia toda, nas escolas do campo que tem, eu falo pra você que a metade das escolas continuam dando a mesma aula da escola tradicional na escola do campo e não é a mesma coisa. Aí depois fala que o aluno está desmotivado. Mas claro, ele vê que aquilo ali não vai servir pra nada pra vida dele. Muitas vezes também depende de nós pessoas, depende de vim de cima uma

*formação específica que não temos, uma preparação, porque muitos não sabem como abordar tal conteúdo, não sabe como reagir em um sala de aula do campo, muitas vezes o que faz no meio urbano reproduz aqui. **Acredito que a maior das dificuldades é causada por uma falta de formação** (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023, grifo nosso).*

Olha, o professor que está à frente, trabalhando no contexto do campo, ele tinha que ter uma formação voltada para o campo, porque falta muito diálogo na escola, principalmente, por falta de uma coordenação específica. Não tem uma pessoa que trabalhe com a modalidade na escola, as pessoas vão trabalhar à noite como complemento de carga horária. Elas não vão com a ideia de que estão trabalhando com a EPJAI, no campo, elas vão pra lá, na maioria das vezes levar o que já reproduziu na zona urbana, reproduzir o ensino, a mesma aula que ele planeja pro diurno, ele vai repetindo, e são sonhos diferentes, idades diferentes, realidades diferentes. Então falta diálogo e falta uma pessoa para orientar. Olha, trabalhamos aqui nessa escola, com essa modalidade, que tem esse público que deve ser trabalhada assim. Tem que ter uma formação para a coordenação, para que ela tenha um diálogo com o professor do noturno para que não tenha tantas dificuldades (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023, grifo nosso).

Obstante a isso, nas falas dos educadores, percebe-se o quão importante é para eles se tivessem uma formação específica para se trabalhar no contexto do campo e na EPJAI, pois são modalidades que possuem suas particularidades e especificidades que se diferem das escolas inseridas no meio urbano, quanto das turmas ditas regulares. Beto destaca, ainda, que são sonhos, idades e realidades diferentes, que não se dá para desenvolver o mesmo ensino. Como anseio de possibilidade de formação direcionada para as modalidade, Beg reitera que:

Olha como está tudo interligado, você falou bem assim, você teve preparação? Não. E qual seria a preparação certa? Chegasse uma escola dessa aqui, por exemplo, a nossa, pegasse todos os professores, vocês vão fazer o cronograma de conteúdo do primeiro ao terceiro ano, das disciplinas extracurriculares as principais, vocês vão ter que direcionar os conteúdos de tal forma que ajude os estudantes em seu dia a dia, a professora de biologia, por exemplo, vai ter que ensinar alguma coisa relacionada com planta e tal, eu de matemática calcular a área pra ele saber calcular terrenos, e com isso, nos prepararmos para fazer essa relação, seria um bom caminho (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023).

Dessa forma, em sua fala, Beg evidencia uma formação direcionada aos educadores de cada área, para que eles possam ter subsídios para contribuir com a aprendizagem dos educandos de forma significativa, tornando o ensino relevante para eles. Ainda nessa direção, quando questionados sobre o que acreditam que poderia ser feito para melhorar o ensino e aprendizagem dos educandos da EPJAI no campo, os educadores relataram o seguinte.

*É conhecer o público pra depois a gente pensar no planejamento, o professor deveria fazer um período de observação, conhecer com quem ele vai trabalhar, quais são os desejos, quais são os anseios, quais são as dificuldades, o que a escola pode contribuir para melhorar a vida dele enquanto profissional, enquanto social mesmo, enquanto no dia a dia e depois a gente pensar num planejamento em cima dessas necessidades. Não dá pra gente fazer um planejamento, falar esse planejamento, eu vou trabalhar todos os anos, porque **as necessidade são diferentes, alunos diferentes, desejos diferentes** (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023, grifo nosso).*

Primeiro oferecer para eles um profissional que esteja além do seu tempo, um profissional qualificado para estar à frente desses jovens, ou então equiparado com o grau de informação que tá chegando pra ele, de recursos tecnológicos e treinamento que contribuísse com o processo de ensino e aprendizagem dos nossos estudantes. O que a universidade tem proporcionado para melhoria da qualidade do ensino? Ela tem o curso de formação de mestres e doutores, que é ótimo, mas não propõe algo para aqueles que já atuam na Educação Básica, uma formação continuada, para mim isso falta, carece de um olhar para esses professores, uma proposta para aqueles que estão na base da educação, principalmente aos que atuam no contexto do campo e na modalidade da educação de jovens e adultos, que tem suas particularidades (Pull, Entrevista, 13 nov. 2023, grifo nosso).

*Eu acho que eles poderiam simplesmente tentar aproveitar o tempo, o máximo possível, para capacitar e dar uma condição melhor para esse aluno. Vou dar um exemplo, nós estamos aqui há dez anos nessa escola. A nossa sala de informática virou biblioteca e não só biblioteca, virou biblioteca virou lugar de armazenar carrinho de mão, um bocado de coisa, porque não tem outro espaço. Hoje nós temos aqui seis salas, mas a gente utiliza sete, onde era a biblioteca, hoje nós utilizamos como uma sala informativa. **Com relação à infraestrutura, o que podemos fazer? Dá uma condição melhor para que o aluno aprenda, que possa abrir uma videoaula ali e mostrar na prática uma horta, que é a realidade que estávamos vivendo hoje, pra ele entender na prática, eu acho que você tem que botar na prática aquilo (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023, grifo nosso).***

Os educadores em suas falas expressam o que poderia ser feito para melhorar o processo de ensino e aprendizagem dos educandos da EPJAI do campo. São demandas que perpassam desde a infraestrutura escolar, a formação, até as possibilidades de planejamento do educador. Dessa forma evidencia-se a necessidade de um suporte educacional contínuo, que atenda os anseios desses educadores e esteja alinhado com a garantia de um ensino e aprendizado de qualidade para as pessoas jovens, adultas e idosas que residem no campo e frequentam as escolas inseridas nesse ambiente. Ao final de cada entrevista, indagamos aos educadores se existia alguma questão que gostariam de falar ou acrescentar.

Nós temos uma universidade que ainda precisa melhorar muito em relação à extensão, porque a universidade tem a obrigação de ajudar as escolas principalmente as escolas básicas, pois a universidade está presente num lugar exatamente pra isso, porque ela, também, é responsável pelas escolas da rede básica. Então nós somos frutos dessa universidade e ela precisa ter um olhar com relação a isso. Eu acho que ela poderia buscar parcerias para tentar contribuir de alguma forma para o ensino no contexto da EPJAI e da escola do campo, principalmente com a formação continuada destes profissionais educadores e gestores, para eles reconhecerem, também, enquanto trabalhadores de uma escola no campo. Buscar tentar manter um diálogo com a Secretaria de Educação, a fim de melhorar, de resgatar e de ampliar a educação de jovens e adultos (Beto, Entrevista, 06 nov. 2023).

O educador Beto, reitera seu apelo à universidade, para de alguma forma contribuir com a formação continuada dos sujeitos que estão à frente da Educação Básica, desde os profissionais gestores das secretarias até os educadores, no intuito de contribuir com o ensino das escolas do campo e em específico, nas turmas da EPJAI. Ademais, os educadores, Pull e Beg, também, enfatizaram que:

*Eu achei muito legal essa conversa, porque de alguma forma ela vai chegar em alguém. A universidade muitas vezes está lá, sem condições também de fazer acontecer algo. Podem ter projetos maravilhosos, que eu não sei, mas eu acredito que tenha, mas não conseguem executar, porque acima deles tem um sistema. Mas no geral, **a entrevista foi muito necessária, não suficiente, mas é necessário** esse trabalho de vocês. É muito importante. Traz um novo olhar para nós enquanto educadores, e **a expectativa de que nada está perdido** (Pull, Entrevista, 13 nov. 2023, grifo nosso).*

***Espero que as coisas certas que nós comentamos aqui possam ser aplicadas e melhoradas, as erradas que sirva pra gente ver como exemplo para melhorarmos e fazermos o que é certo** e pedir Deus que abençoe sua vida e de todos esses novos profissionais que vem por aí afora não só da área de matemática, mas todas as áreas que Deus possa realmente dá sabedoria pra você lidar, porque eu creio que cada tempo que passa as coisas podem ficar mais difícil, mas ficar difícil não quer dizer que ele tem que ficar desanimador; ele tem que ficar mais desafiador; isso seria minha dica, minha fala pra vocês, quando você for desafiada, você não desanime que você sempre queira crescer e vencer aquilo ali, que nada é em vão (Beg, Entrevista, 16 nov. 2023, grifo nosso).*

No momento em que os educadores Pull e Beg expressaram essas palavras para finalizar as entrevistas, foi um instante de reconhecimento e gratidão, que trouxeram uma sensação de que tudo valeu a pena, e como enfatizado, também, pelo educador Pull trouxe um novo olhar para eles com a “*expectativa de que nada está perdido*”. Dessa forma, refletir sobre as práticas pedagógicas dos educadores que lecionam a disciplina de matemática em turmas da EPJAI de escolas do campo, a partir de suas experiências vivenciadas e apresentadas nas entrevistas, nos impulsiona a construir compreensões a respeito do profissional que educa e que ao mesmo tempo é educado, como pudemos constatar a partir das falas de cada um.

Frente a esse cenário, nessa última subseção, pudemos observar que os educadores pontuaram a falta de formação como uma das principais dificuldades encontradas para atuarem nas modalidades da EC e da EPJAI, pois sem uma preparação específica, os profissionais da educação não conseguem desenvolver uma prática pedagógica que atenda as particularidades dos sujeitos que a compõem. Além disso, enfatizam alguns pontos que poderiam ser feitos para melhorar o ensino e aprendizagem dos educandos dessas modalidades, bem como, apresentam questões que nos fizeram refletir nesse movimento de análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi expor os dados de uma pesquisa cuja questão norteadora era *como os educadores trabalham os saberes de Grandezas e Medidas produzidas no campo pelos educandos da EPJAI que estão inseridos nesse ambiente*. Na busca pelas respostas, dialogamos com outros estudos que discutiam as temáticas abordadas, objetivando *investigar como ocorrem as práticas pedagógicas dos educadores matemáticos na Educação do Campo do município de Vitória da Conquista - BA que possuem a EPJAI*. Como objetivos específicos: identificar como os educadores trabalham a temática de Grandezas e Medidas na sala de aula, compreender quais são os desafios e investigar como é desenvolvido o ensino e aprendizagem da matemática para esse público. Consoante a isso, refletimos, por intermédio das vozes dos educadores, sobre suas formações, experiências, percepções e, principalmente, a respeito de suas práticas pedagógicas, que nos encaminhou para atendermos os objetivos propostos na investigação.

Para tanto, os dados foram produzidos por intermédio de quatro entrevistas semiestruturadas com educadores que lecionam a disciplina de matemática em turmas da EPJAI de três escolas, sendo duas estaduais e uma municipal, situadas no campo no município de Vitória da Conquista. A partir das vozes de cada um, buscamos conectar e desconectar a realidade da experiência pessoal, bem como a subjetividade presente em cada história, com o intuito de investigar como ocorrem suas práticas pedagógicas no que diz respeito ao ensino de matemática nas modalidades da Educação do Campo e da EPJAI, retratando a unidade temática de Grandezas e Medidas. Para isso, dividimos a pesquisa em quatro categorias de análise.

Na primeira subseção, Formação: EC e EPJAI versus Teoria e Prática, analisamos o percurso formativo dos quatro educadores, levando em consideração as suas formações no âmbito da Educação do Campo e da EPJAI. Em vista disso, foi possível perceber que nem um deles tiveram uma preparação específica para atuarem nas modalidades. No entanto, a partir de suas vivências e do espaço sociocultural no qual estão inseridos, buscam desenvolver uma prática pedagógica mediada por suas experiências de vida. Tal constatação, nos fez perceber que, esses contextos vão contra os documentos que instituem diretrizes de formação inicial e continuada específicas para os profissionais da educação desenvolverem seus trabalhos nas modalidades da EC e da EPJAI, haja vista que os sujeitos que a compõem possuem suas particularidades e especificidades.

Na segunda subseção, Educação do Campo e EPJAI: percepções, contextos e relações, refletimos em diálogo com os quatro educadores sobre suas concepções acerca da

EC, o contexto de atuação profissional do campo, a realidade na qual essas escolas estão inseridas e os sujeitos que a compõe. A partir dessa análise, foi possível perceber que a caracterização da nomenclatura EC e o contexto de uma escola do campo são consideradas pelos educadores como uma educação direcionada para a realidade social e a vivência dos educandos, de tal forma que em seu dia a dia possam usufruir de tais conhecimentos adquiridos no âmbito escolar. Essa percepção nos permite uma compreensão mais profunda a respeito das percepções dos educadores, levando-nos a refletir sobre a relevância da prática educacional relacionada ao cotidiano dos sujeitos da EPJAI do campo que compõem essas instituições.

Na terceira subseção, *A Matemática Presente no Campo: um olhar com as Grandezas e Medidas*, ao observarmos o objetivo específico: **como é desenvolvido o ensino e aprendizagem da matemática para esse público**, a pesquisa apresentou resultados que demonstram que, apesar de os educadores não terem recebido uma formação, seja essa inicial ou continuada, direcionada para desenvolverem suas práticas em turmas da EPJAI de escolas do campo, eles buscam, a partir de suas vivências e experiências, desenvolver um ensino de maneira a atender às demandas e os anseios de seus educandos. Os educadores dialogam com a turma sobre suas realidades, sonhos e profissões, buscando conhecer as particularidades de cada um e, a partir disso, relacionar com o ensino dos conteúdos matemáticos. Nessa perspectiva, compreendemos que, mesmo sem terem uma formação específica para o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, os educadores optam por uma estratégia que vai ao encontro dos documentos, pois estão atentos ao contexto em que a escola está inserida, observando as possibilidades de desenvolvimento de suas práticas.

Ademais, ao retratar a unidade temática de Grandezas e Medidas, os dados indicaram que é possível articular conhecimentos científicos com os empíricos socialmente produzidos. Com vistas ao objetivo específico: **como os educadores trabalham a temática de Grandezas e Medidas na sala de aula**, tais relações são evidenciadas pelos educadores a partir das atividades rurais desenvolvidas pelos educandos, bem como por intermédio de seus saberes culturalmente produzidos. As mesmas, foram relacionadas pelos participantes, por intermédio das conversões das unidades de medidas, com o auxílio de atividades voltadas para a resolução de problemas, utilizando recursos como a Literatura de Cordel, a cesta básica, bem como, o desenvolvimento do plantio de hortas, além do cálculo de áreas de terrenos. Essas práticas permitiram abordar conteúdos como perímetro, área, volume, entre outros, conforme ressaltado pelos educadores. Dessa forma, podemos perceber que os educadores apresentam propostas e materiais que possibilitam o desenvolvimento de seu

trabalho, indicando uma abordagem diversificada, integrada e contextualizada, utilizando diferentes contextos para o ensino da unidade temática de Grandezas e Medidas.

Bem como, ao se observar os projetos desenvolvidos pelas escolas de atuação dos educadores e as parcerias de órgãos externos, percebeu-se que estes favorecem o trabalho de articulação realizado pelos educadores, não somente da área de matemática, mas também, propõe uma interdisciplinaridade como destacado nas vozes dos participantes da pesquisa. Como observado, também, esses possibilitam o trabalho com Grandezas e Medidas, como forma de visualizar na prática os conceitos teóricos desenvolvidos em sala de aula.

Na quarta e última subseção, Caminhos e Descaminhos: EC e EPJAI, ao observar o objetivo específico: **quais são os desafios**, conforme evidenciado nas falas dos educadores, um dos principais, é a falta de formação específica, seja ela inicial ou continuada, para atuarem nas modalidades da EC e da EPJAI. Isso se deve ao fato de que, sem uma preparação específica, os educadores encontram dificuldades para desenvolverem suas práticas pedagógicas de maneira a atender as particularidades dos sujeitos que a compõem. Além disso, eles também evidenciaram questões relacionadas à estrutura escolar, à merenda, entre outros temas, que carecem de uma discussão mais aprofundada e que nos levam a produzir reflexões para futuros estudos. Dessa forma, apesar da existência de políticas públicas, por intermédio de documentos e diretrizes para tais modalidades, observa-se que essas não são efetivamente implementadas no contexto escolar do campo. Isso dificulta o trabalho dos educadores, uma vez que podem se sentir desafiados quando não estão adequadamente preparados para lidar com as particularidades e especificidades da EC e da EPJAI, que muitas vezes demandam práticas pedagógicas diferenciadas.

Consoante a isso, os resultados obtidos pela pesquisa nos encaminham para repensarmos as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas do campo, especialmente nas turmas da EPJAI, pois essas evidenciam a necessidade de um ensino que transcenda os conhecimentos científicos. Esses resultados, também, nos levam a refletir sobre as dimensões que destacam as especificidades e particularidades dos educandos que fazem parte de cada instituição de ensino. Ressalta-se que as discussões não se esgotam em nossas falas, mas geram possibilidades de ampliar aprofundamentos críticos e reflexivos sobre as experiências e subjetividades de cada educador entrevistado.

Dessa forma, a partir das discussões, o estudo nos possibilitou abrir margens para perspectivas futuras de investigações, com um aprofundamento nas políticas públicas que gerem reflexões, possibilitando um olhar para a formação inicial e continuada de educadores que lecionam nas modalidades da Educação do Campo e da Educação de Pessoas, Jovens,

Adultas e Idosas. O intuito é capacitar esses profissionais, buscando contribuir com o processo de ensino e aprendizagem dos educandos que frequentam tais modalidades, contemplando as questões sociais, culturais, territoriais e políticas. Como também, gerar reflexões que possibilitem um olhar para a infraestrutura escolar, materiais didáticos, transporte, recursos tecnológicos, que viabilizem o desenvolvimentos de práticas pedagógicas de educadores que atuam nesse contexto. Além disso, o estudo nos tenciona a questionar as vozes das educadoras: quais são as compreensões acerca das práticas pedagógicas das educadoras que lecionam matemática no contexto do campo? Quais são os desafios enfrentados por elas e como lidam para superá-los? Assim sendo, é importante promover discussões que articulem a Educação do Campo e o ensino de matemática com questões de gênero.

Por fim, ao longo da escrita, destacamos as vozes de cada um dos educadores, apresentando pontos pertinentes aos movimentos de análise, buscando construir significados para as práticas pedagógicas dos educadores que lecionam em turmas da EPJAI no contexto do campo de uma escola municipal e dois colégios estaduais de Vitória da Conquista. Esperamos contribuir com os diálogos que permeiam o campo de pesquisa da formação de educadores, as modalidade da Educação do Campo e da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas, assim como o ensino de matemática, a partir das nossas reflexões sobre as práticas pedagógicas que ocorrem nas salas de aula de escolas do campo.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. Formação de Educadores do Campo. **Dicionário da educação do campo**, v. 2, p. 361-367, 2012.
- BATISTA, E. C.; MATOS, L. A. L.; NASCIMENTO, A. B. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, v. 11, n. 3, p. 23-38, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 05 mai. 2023.
- BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de nov. de 2010. Dispões sobre a Política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. **Diário Oficial da União**. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file>. Acesso em: 06 mai. 2023.
- BRASIL. Lei n.º 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 05 mai. 2023.
- BRASIL. **Emenda Constitucional** nº 59, de 11 de novembro de 2009. Acrescenta o 3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília, em 11 de novembro de 2009.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB 1/2002** - Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. MEC: Brasília - DF, 2002.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB 1/2021** - Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância. MEC: Brasília - DF, 2021.
- BRASIL. **Resolução CEE/CEB 103/2015** – Dispõe sobre a oferta da Educação do Campo, no Sistema Estadual de Ensino da Bahia e dá outras providências. MEC: Brasília - DF, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Catálogo de Escola**, 2020. Disponível em: <https://inepdata.inep.gov.br/analytics/saw.dll?Dashboard>. Acesso em: 20 out. 2023.
- CALDART, R. S. et al. Educação do campo. **Dicionário da educação do campo**, v. 2, p. 259-265, 2012.
- CONCEIÇÃO, M. S. A (re)invenção de si através das narrativas autobiográficas. **Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 91–112, 2019. DOI: 10.30620/p.i.v9i1.7012. Disponível em: <https://www.homologacao.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/7012>. Acesso em: 02 ago. 2023.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de pesquisa-: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Penso Editora, 2021.

DAMASCENO, A. A; OLIVEIRA, G. S; CARDOSO, M. R. G. O ensino de matemática na educação de jovens e adultos: a importância da contextualização. **Cadernos da FUCAMP**, v. 17, n. 29, 2018. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/1347>. Acesso em: 20 mai. 2023.

FARIAS, G. S. **Narrativas autobiográficas do percurso formativo de egressos da Licenciatura em Matemática da UFMS/CPTL**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4523>. Acesso em: 02 ago. 2023.

FONSECA, M..C.F.R. **Educação matemática de jovens e adultos: especificidades, desafios e contribuições**. 3. Ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Tendências em Educação Matemática).

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 67ª ed - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FRIGOTTO, G. Projeto societário contra-hegemônico e educação do campo desafios, conteúdo, método e forma. In.: MUNARIM, Antônio et al (Org.). **Educação do Campo: reflexões e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2011.

GONÇALVES, M. M. et al. **Diálogo freireano e formação permanente: reflexões sobre a formação de professores na educação do campo**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis, 2018

GUAZI, T. S. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 2, 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População**. Vitória da Conquista: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vitoria-da-conquista/panorama>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MARQUEZ, N. A. G; GODOY, D. M. A. Políticas públicas para educação de jovens e adultos: em movimento e disputa. **Revista. Ed. Popular, Uberlândia**, v. 19, n. 2, p. 25-42, 2020.

MOLINA, M. C; SÁ, L. M. Licenciatura em Educação do Campo. **Dicionário da educação do campo**, v. 2, p. 468-474, 2012.

MOLINA, M. C; SÁ, L. M. Escola do Campo. **Dicionário da educação do campo**, v. 2, p. 326-332, 2012.

MOLINA, M. C; ANTUNES-ROCHA, M. I; MARTINS, M. F. A. A produção do conhecimento na licenciatura em Educação do Campo: desafios e possibilidades para o fortalecimento da educação do campo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, p. e240051,

2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/kLbkvLHNmMNqTwYR6TW9Rym/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

OLIVEIRA, L. M. S. **A eja e a educação do campo: um estudo bibliográfico**. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2018.

PAULA, A. P.; BARBOSA, R. G. Contribuições de Paulo Freire na Educação do Campo: formação de professores/as e o ensino de Ciências. **Praxis educativa**, v. 16, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-43092021000100222&script=sci_arttext. Acesso em: 01 ago. 2023.

PONTAROLO, Elisson. **Conceitos estatísticos na Educação do Campo**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

RIBEIRO, M. Educação Rural. **Dicionário da educação do campo**, v. 2, p. 295-300, 2012.

RODRIGUES, T. D. et al. Compreensões sobre Educação no Campo no âmbito da Educação Inclusiva e da Educação Matemática: o contexto de duas pesquisas. **Boletim GEPEM**, n. 76, p. 170-183, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/gepem/article/view/204>. Acesso em: 20 mai. 2023.

RUSSO, R. F. S. M.; SILVA, L. F. Aplicação de entrevistas em pesquisa qualitativa. **Gestão e Projetos: GeP**, v. 10, n. 1, p. 1-6, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8367625>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SANTOS, C. A. *et al.* **Dossiê Educação do Campo**. Brasília: Editora: Universidade de Brasília, 2020

SILVA, G. M. L. L. **Educação do Campo e Educação Matemática: uma articulação possível?**. 2019. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/9045/Gioconda%20Marisol%20Luz%20Lima%20Silva.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 jul. 2023.

SILVA, F. H. C. **Educação Matemática no movimento da Educação do Campo: percepções de educadorxs sobre o fazer pedagógico com educandxs camponesxs**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4284>. Acesso em: 03 ago. 2023.

SILVÉRIO, L. D.; ISOBE, R. M. R. Educação do Campo em perspectiva: história, política pública e formação continuada de professores/as do ensino básico. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 5, p. e6894-e6894, 2020.

SOARES, S. S.; MENEZES, L. R. S. Trajetória formativa e prática pedagógica: narrativas de professores no contexto da escola do campo. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, v. 7, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs/article/view/8198>. Acesso em: 02 ago. 2023.

SOUZA, M. A. Educação do campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica. **Educação & Sociedade**, v. 29, p. 1089-1111, 2008.

VEIGA, I. P. A. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Papirus Editora, 2013.

WERLANG, J; PEREIRA, P. B. Educação do Campo, CTS, Paulo Freire e Currículo: pesquisas, confluências e aproximações. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 27, p. e21016, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/V6zzq93CXN9b8R3TNZXbsqs/>. Acesso em: 07 ago. 2023.

KROEF, R. F. S.; GAVILLON, P. Q; RAMM, L. V. Diário de Campo e a Relação do (a) Pesquisador (a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 464-480, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Convite aos educadores que lecionam matemática em turmas da EPJAI de escolas do campo para participarem da pesquisa

Prezado(a) Diretor(a),

Meu nome é Viviane Chagas Santos, sou estudante da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Vitória da Conquista, cursando o 8º semestre de graduação no curso de Licenciatura em Matemática. Estou finalizando o curso neste ano de 2023 e preciso de alguns dados para fechar a minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Estou enviando essa mensagem, juntamente com meu professor orientador, Jonson Ney Dias da Silva, para convidar os educadores que lecionam a disciplina de Matemática na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI) da referida escola, a participarem da pesquisa que está sendo desenvolvida. A mesma tem por objetivo, investigar como ocorrem as práticas pedagógicas dos educadores matemáticos na Educação do Campo do município de Vitória da Conquista - BA, centrando o foco na EPJAI. Como objetivos específicos, buscamos compreender como os educadores trabalham a temática de Grandezas e Medidas na sala de aula, quais são os desafios e como é desenvolvido o ensino e aprendizagem da matemática para esse público. Acreditamos que os resultados darão subsídios para novas reflexões e discussões no contexto escolar, possibilitando que os profissionais da educação desenvolvam tais temáticas em suas formações iniciais e continuadas. Além de contribuir com o processo de ensino e aprendizagem dos educandos da EPJAI e de outras modalidades da instituição.

Salientamos que se trata de uma pesquisa anônima, na qual os participantes não precisarão se identificar. Sua contribuição será de grande valor, tanto para nós pesquisadores, quanto para a academia, instituições da educação básica do município, educadores e educandos.

Desde já, agradecemos a atenção e aguardamos um retorno.

Contatos: (77) 999674742 - *WhatsApp*

Email: vivianechagassantos7@gmail.com

Email 2: 201911564@uesb.edu.br

APÊNDICE II – Roteiro da entrevista semiestruturada com os educadores que lecionam matemática em turmas da EPJAI de escolas do campo

Prezado (a) Educador (a),

O presente roteiro de entrevista tem por finalidade produzir informações para com o objetivo geral de investigar como ocorrem as práticas pedagógicas dos educadores matemáticos na Educação do Campo do município de Vitória da Conquista - BA que possuem a EPJAI. Como objetivos específicos: identificar como os educadores trabalham a temática de Grandezas e Medidas na sala de aula, compreender quais são os desafios e investigar como é desenvolvido o ensino e aprendizagem da matemática para esse público. Os registros serão feitos preservando-se a identidade dos participantes da pesquisa.

O acesso aos registros dos dados será exclusivo dos pesquisadores, cuja divulgação parcial se restringirá às ocasiões relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa, ou seja, as informações provenientes da análise desses dados poderão ser utilizadas pelos pesquisadores em publicações, eventos científicos e texto do estudo e divulgadas a todos aqueles que se interessarem pela pesquisa, na forma acima indicada. Entretanto, o seu nome não será divulgado, pois será utilizado um nome fictício.

Roteiro de Entrevista

1. Nome: _____
2. Nome fictício:

3. Idade: _____
4. Conte um pouco sobre você (formação acadêmica, inicial e continuada, experiências profissionais, instituições que ensina, etc).
5. Há quanto tempo leciona? E em específico, nas escolas do campo? E na EPJAI?
6. Conte um pouco sobre a experiência de lecionar na modalidade da Educação do Campo.
7. Quais são as turmas de EPJAI na modalidade do campo que você leciona atualmente? Quais são as características delas?
8. Quanto tempo tem de experiência com o ensino de Matemática em escolas situadas no campo?
9. Para você, como é lecionar na Educação do Campo, em especial, na modalidade da EPJAI?
 - a. Se leciona em outras escolas que não sejam do campo, qual a diferença que se percebe entre elas? (Perfil dos estudantes, forma de contextualizar os conteúdos, aprendizagem, interesse, etc)
 - b. E a diferença entre as turmas da modalidade dita regular e a modalidade da EPJAI?
10. Na modalidade de ensino da EPJAI, como você vê o processo de ensino e aprendizagem dos educandos?
11. Enquanto educador(a) da EPJAI quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou ou enfrenta atualmente?
12. Como você desenvolve o ensino de Matemática nas turmas da EPJAI no ambiente do Campo?
13. Quais os critérios de seleção dos conteúdos matemáticos?
14. Quais são seus conhecimentos sobre a realidade da comunidade camponesa em que a escola está inserida? Quais são as atividades que estes desenvolvem e produzem?
15. Você já utilizou ou utiliza dos saberes cotidianos e das vivências dos estudantes do campo para o ensino de Matemática, em específico, com relação ao conteúdo de Grandezas e Medidas? Se sim, quais e como foi ou é estabelecida essa relação?

- a. Como os estudantes se comportaram e reagiram com tal proposta?
16. Durante a sua formação inicial e continuada, participou de algum curso de formação em Educação do Campo? Teve contato com a modalidade durante a sua formação inicial? E em específico para a EPJAI na educação do campo?
17. A escola já desenvolveu ou desenvolve projetos que estão relacionados com os saberes advindos do cotidiano dos estudantes que estão inseridos no ambiente do campo?
- a. Foram relacionados com a Matemática?
 - b. Teve relação com o conteúdo de Grandezas e Medidas?
18. Como você acha que os conteúdos de Grandezas e Medidas podem ser relacionados com o cotidiano dos estudantes da EPJAI dessa escola?
19. O que você acredita que poderia ser feito para melhorar o ensino e aprendizagem dos estudantes da EPJAI no campo?
- a. Como a escola pode contribuir para isso?
 - b. E a sociedade?
20. Existe alguma questão que gostaria de falar ou complementar na entrevista?

Atenciosamente

APÊNDICE III – Termo de consentimento livre e esclarecido

Este termo pretende explicitar os procedimentos adotados em minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e a forma de utilização dos dados nela coletados. Este tem o objetivo de deixar transparente, tanto quanto possível, a relação entre os envolvidos, o tratamento e o uso das informações que serão colhidas.

Para a produção dos dados serão realizadas entrevistas com educadores que lecionam matemática na modalidade da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI) em escolas situadas na localidade do campo. Durante a realização de cada uma, será utilizado o dispositivo móvel *Smartphone* para gravar as falas e em seguida transcrevê-las cautelosamente. Estes dados servirão como material para a pesquisa, cujo *objetivo geral é investigar como ocorrem as práticas pedagógicas dos educadores matemáticos na Educação do Campo do município de Vitória da Conquista - BA que possuem a EPJAI*. Como objetivos específicos: identificar como os educadores trabalham a temática de Grandezas e Medidas na sala de aula, compreender quais são os desafios e investigar como é desenvolvido o ensino e aprendizagem da matemática para esse público.

Os registros escritos serão feitos preservando-se a identidade dos participantes da pesquisa em sigilo, utilizando pseudônimos por eles escolhidos. Na pesquisa que utilizar o material coletado não será feita menção à instituição onde foi realizada para que se preserve a identidade do grupo.

O acesso aos registros dos dados será exclusivo da pesquisadora Viviane Chagas Santos e do orientador Jonson Ney Dias da Silva, cuja divulgação parcial se restringirá às ocasiões relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa, ou seja, as informações provenientes da análise desses dados poderão ser utilizadas pelo pesquisador em publicações, eventos científicos e texto de monografia e divulgadas a todos aqueles que se interessarem pela pesquisa, na forma acima indicada.

Vitória da Conquista, ____ de _____ de 2023.

Pesquisador

Nome

Assinatura

Participante
Pesquisa

da

Nome

Assinatura

Pseudônimo escolhido

Via do pesquisador

APÊNDICE IV – Termo de autorização para uso de imagens e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

(Modelo aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB em 14/02/2020)

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DO PROJETO:	EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DE JOVENS E ADULTOS NA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
PESQUISADOR RESPONSÁVEL:	JONSON NEY DIAS DA SILVA
TÍTULO DO SUBPROJETO:	VOZES DE EDUCADORES MATEMÁTICOS DA EPJAI DE ESCOLAS DO CAMPO: UM OLHAR PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
ORIENTANDO(A)	VIVIANE CHAGAS SANTOS

Estando ciente, esclarecido e assegurado quanto:

- aos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios referentes ao estudo acima apontado, tal como consta nos Termos de Consentimento e/ou Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE e/ou TALE);
- a inexistência de custos ou vantagens financeiras a quaisquer das partes envolvidas na pesquisa; e
- o cumprimento das normas pertinentes, leia-se, Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde; Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei N.º 8.069/ 1990), Estatuto do Idoso (Lei N.º 10.741/2003) e Estatuto das Pessoas com Deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004),

AUTORIZO, através do presente documento, e **CONSINTO COM A UTILIZAÇÃO**, em favor dos membros e assistentes da pesquisa acima indicada, apenas para fins de estudos científicos (livros, artigos, slides e transparências), a captura e utilização de fotos e de de gravações (sons e imagens).

- da minha pessoa
 do indivíduo pelo qual sou responsável

Vitória da Conquista, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do(a) pesquisador responsável

Assinatura do(a) orientando(a)